



Universidade de Brasília

Instituto de Ciências Sociais

Departamento de Antropologia

Campus Darcy Ribeiro

Curso de Graduação em Ciências Sociais com Bacharelado em Antropologia

Iury da Costa Felipe

(Tapü'cü rü Güatücü)

História contadas em Mecürane: Um estudo sobre a Organização social e o
Território dos Tikuna

Brasília – DF

2018

Iury da Costa Felipe
(Tapü'cü e Güatücü)

História contadas em Mecürane: Um estudo sobre a Organização social e o
Território dos Tikuna

Dissertação apresentada para requisito parcial para obtenção do
título de graduação do curso de Ciências Sociais, Bacharel em
Antropologia, pela Universidade de Brasília – UnB

Sob a orientação do Prof. Dr. Luis Abraham Cayón Durán

Brasília – DF

2018

Ficha de Catalográfica

FELIPE, I. C. **Histórias Contadas em Mecürane:** Um estudo sobre a Organização Social e o Território dos Tikuna.

Dissertação de Graduação. Universidade de Brasília - UnB

Palavras-chaves: Histórias, Povo Magütagü e Demarcação de Terra.

Dedicatória

Aos meus queridos amados pais, Rosalve Flores Felipe e Anália Melos da Costa, por serem a minha força, e por me ensinarem a entender, aceitar e respeitar a diferença buscando uma relação iguais na sociedade.

Ao meu povo Magütagü, a minha comunidade Vila Betânia – Mecürane, por colaborar com este trabalho direta e indiretamente.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, venho e quero agradecer ao nosso grandioso criador Deus e que meu deus força, paciência coragem e perseverança para seguir adiante e chegar o momento tão esperado. Agradeço imensamente aos meus amados e maravilhosos pais, Rosalve Flores Felipe e Anália Melos da Costa, que sempre estiveram ao meu lado e me apoiando, me incentivando nos estudos e orando por mim. Agradeço aos meus amados irmãos, Natacha da Costa Felipe, Fred da Costa Felipe, Roger da Costa Felipe, Hágata da Costa Felipe, Rosalve Flores Felipe Filho, Iago da Costa Felipe e Tiago Felipe, por sempre me incentivarem, durante a minha trajetória. Aos meus sobrinhos Natasha Ghabi e o Hidalgo Fernandes que os amo de coração.

Agradeço também imensamente a minha tia professora Dorotéia Flores Felipe, que sempre me apoiou para que eu pudesse seguir a vida acadêmica. Agradeço também imensamente aos meus avôs Materno, Gastão Arcanjo, paterno, Santiago Jorge Felipe, por sempre me incentivarem e dando conselhos e minha vó materna, Felícia Arcanjo. Agradeço ao meu povo Tikuna/Magüta, a comunidade Vila Betânia – Mecürane: Dona Alta, a moradora, agricultora, Dona Pascoa, ao colabora com este trabalho, por contar a história do meu povo, a gradeço aos avós materno e paterno, Santiago Jorge e Gastão Arcanjo, por contarem, e colaborem com o trabalho, e todos que contribuíram direta ou indiretamente para esse trabalho e em especial o Cacique Paulo Augusto.

Agradeço imensamente senhora Cileia Barata Conceição (minha segunda mãe), por me ajudar em questões de alugueis e entre outros. Agradeço ao meu querido amigo indígena Jósimo da Costa Constant Puyanawa, que me deu a chance de trabalhar em projetos de pesquisa. Agradeço aos meus queridos professores, Guilherme José da Silva e Sá, Stephen Baines, Carlos Alexandre Barboza Plínio dos Santos, Cristina Girard, Cristina Patriota de Moura, Marcela Stockler Coelho de Souza, entre outros que sempre me apoiaram ou me ajudaram.

Agradeço a todos os estudantes indígenas da Universidade de Brasília, em especial meus grandes amigos, Alisson Cleomar Pankararu, Francisco Assis Pereira Tenazor Tikuna, Alessandro de Souza Magalhães Kokama, Jander da Silva Tikuna, Tony Tikuna, Geraci Aiküna Mendes Tikuna, Dirlene Tikuna, Lindalva Felix Tikuna, Debora Barros Tupinikin, Maurício de Souza Kokama e Braulina Baniwa. Agradeço aos meus apoiadores, professora Claudia Renault, Camila Magalhães e Patrícia Monteiro.

Venho agradecer a minha querida orientadora do Programa de Iniciação Científica (PIBIC) e de avaliadora da minha monografia, a professora Dra. Silvia Guimarães. Agradeço imensamente ao

meu querido orientador, o professor Dr. Luís Cayón, que aceitou o desafio de me orientar como indígena Magüta – Tikuna-. Também agradeço a todos que me incentivaram, apoiaram e estiveram juntos comigo nos momentos mais difíceis e felizes, e finalmente concluir o curso na Universidade de Brasília.

Venho também agradecer ao Professor Dr. Mario Lima, por ter dado oportunidade em entrar no PET – Conexão de Saberes – Música do Oprimido, como bolsista. E agradecer ao Programa de Educação Tutorial, e ao grupo, por darem oportunidade de apresentar dois trabalhos no XIII Encontro Nacional dos Grupo PET - ENAPET. Agradeço também, ao meu grupo, Petianas e Petianos.

Finalmente, todos esses anos na Universidade de Brasília (UnB), aprendi muito e agradecer por ter me dado uma oportunidade, ter me dado bolsa moradia, de cursar disciplinas de várias áreas, participando de projetos, como projeto raízes, Extensão, e apresentar uns trabalhos no congresso de iniciação científica, , que pude participar durante a minha trajetória na Universidade.

A TODAS (OS). MEU MUITO OBRIGADO!

Resumo

Objetivo deste trabalho é apresentar o valor intrínseco da cultura, do sistema de parentesco, ritual da moça nova e do Xamanismo do povo Magütagü. Analisando o nosso paradigma através da perspectiva dos conhecimentos tradicionais do povo Tikuna. O povo Magütagü tem uma história marcada pela entrada violenta de seringueiros, pescadores e madeireiros na região do rio Solimões e rio Içá, então, foi somente nos anos 1990 que os Tikuna lograram o reconhecimento oficial da maioria de suas terras. Como resultado, vou mostrar um pouco como as tradições Tikuna foram modificadas pelo contato com a sociedade envolvente e os colonizadores.

PALAVRAS - CHAVE: Parentesco; Demarcação de Terra; Colonização; Memória Magütagü.

Abstract

The objective of this work is to present the intrinsic value of the culture, the kinship system, the ritual of the young girl and the shamanism of the Magütagü people. Analyzing our paradigm through the perspective of the traditional knowledge of the Tikuna people. The Magütagü people have a history marked by the violent entry of rubber tappers, fishermen and loggers in the region of the river Solimões and Içá river, then it was only in the 1990s that the Ticunas achieved the official recognition of most of their lands. As a result show a bit how the Tikuna traditions were modified by the contact with the surrounding society and the settlers.

KEYWORDS: Kinship; Territorial Demarcation; Colonization; Magütagü Memory.

Iraãtchi

Nhaã puracü rü nanawe' i nacüma i Magütagü rü nhu'matchi norü natanücügü tchiga rü worecütchiga rü nhu'matchi yuucütchiga i duügü i Magütagü arü. Nü'ü i tadaugüta i norü cuagüma'ã i nacüma nucümauü i Magütagü. Rü nhema'ca i nhaã puracü i norü gu' i ngu'gü arü nü'ü nanhema nama'ã nanaweü y ore i Mecüranewa i u'ü i wüi i norü nügütchiga i na'cüa'gü tchiga rü nhu'matchi norü naanegü tchiga i Magütagü. Rü torü duügü nü'ü nanhema i Magütagü i tchie'ü i oregü i nucüma i ücuü i carügü arü deeruüma'a rü powaecügü rü nhu'matchi naigü arü deruüma'a e nawa i natü i ta'tü rü itcha rü nhemaca' 1990 guama nü'ü nanhema i Magütagü i norü naane i norügü tchiretama i napeewa i ae'cacügü. Rü tchama i tchanwe'ta nhunhacü ni'î naüpetü'ü i nacümagü i Magütagü nagagu i nhema colonizadugü i tchoügü.

De'agü i nga'ü: Natanücügü tchiga, Naane arü Wüyeane, Colonização, Nucümaü nacümagü tchiga i Magütagü.

Lista de Ilustrações

| | |
|------------------|--|
| Figura 1 | Mobilização e organização em torno da questão da terra, dos Tikuna em Alto Solimões em 1982. Na comunidade Indígena Campo Alegre, com a presença de 31 capitães (<i>mais conhecido como cacique atualmente</i>). |
| Figura 2 | O'i (meu avô) Bu'ucü. Na mesa da cozinha. Depois de tomar mingau de banana (café da manhã). |
| Figura 3 | Tchaunatü (meu pai) e o O'i (vovô) Tchiâtchicü. Depois da entrevista (via celular) na casa do meu pai. |
| Figura 4 | Mapa da Terra indígena Tikuna de Vila Betânia – Mecürane |
| Figura 5 | Comunidade Vila Betânia – Mecürane no ano 1972, os Tikunas na aldeia. Foto este tirado pelo missionário americano Eduardo. |
| Figura 6 | No'ê (vovó) Tchiã'tchina rü Tchicuna (Clã de Mutum), narradora da História dos Magütagü. E Tapü'cü |
| Figura 7 | Representação do Wotchine/Wone (Samaumeira), com preguiça real grande. O desenho representa o escurecimento do mundo, segundo a narradora da história. |
| Figura 8 | Representação do toco da Samaumeira e o Jabuti. Tapü'cü desenhou no dia 25 de junho de 2018. |
| Figura 9 | Representação de Umari, Tetchi arü Ngu'i, desenhado por Felipe, I. C. no dia 25 de junho de 2018. |
| Figura 10 | Foto de obra que está em exposição no Museu Magüta. Por Guilherme Noronha. <i>Representação do mito de Origem dos Ticuna</i> . |
| Figura 11 | Representação de Clãs “Sem pena” e “Com pena”. Aqui se encontra nação de Avaí, Boi, Mutum e Jenipapo (<i>pinturas no rosto</i>). |
| Figura 12 | Terminologia de parentesco do Magütagü, da comunidade Mecürane – SAI (AM) |
| Figura 13 | Mapa da comunidade Indígena Vila Betânia – Mecürane |
| Figura 14 | Comunidade Vila Betânia – Mecürane (chegando na aldeia), porto principal a esquerda, foto tirada em 13 de setembro de 2016. |
| Figura 15 | Imagem da comunidade Mecürane, e o campo de futebol rio negro. Imagem aérea. |
| Figura 16 | Mulheres jogando vôlei, no fim tarde do dia. No centro da comunidade, praticando esporte. |
| Figura 17 | Apresentação de rainhas Tikuna de cada clube esporte, cacique e vereador da comunidade. |
| Figura 18 | Apresentação das danças dos mascarados, se despedindo do ano velho |
| Figura 19 | Cacique da comunidade Mecürane e Tapü'cü |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO: Nós, Povo Magütagü -Tikuna ----- | 12 |
| 1.1 Trajetória e as Dificuldades ----- | 18 |
| 1.2 A Experiência do Trabalho de Campo ----- | 21 |
| 2. O Histórico e os Primeiros Contatos dos colonizadores com povo Magütagü ----- | 25 |
| 2.1 A Luta Pela Demarcação de Terra Indígena Magüta/Mecürane ----- | 28 |
| 2.2 O Contatos com Missões Religiosas e Igreja em Mecürane ----- | 41 |
| 3. O povo Magüta: Origem do mundo e dos Tikuna ----- | 46 |
| 3.1 A origem do Yo'i e Ipi ----- | 52 |
| 3.2 Origem do povo Magüta ----- | 57 |
| 3.3 Origens dos Clãs ----- | 59 |
| 3.4 Organização Social Magüta e Casamento ----- | 61 |
| 4. A Organização Social em Mecürane ----- | 67 |
| 4.1 O Ritual da Moça Nova ----- | 76 |
| 5. Considerações Finais ----- | 86 |
| 6. Referências ----- | 89 |

INTRODUÇÃO: Nós, Povo Magütagü -Tikuna

O trabalho que o leitor acompanhará é a descrição e análise feita por mim a partir de toda a minha experiência de trabalho de campo e vivência com o meu povo. O objetivo deste trabalho é apresentar elementos da cultura, do sistema de parentesco, do ritual da moça nova e do Xamanismo do povo Magütagü¹, desde o nosso paradigma, a perspectiva dos conhecimentos tradicionais do meu povo Tikuna.

Nós povo Magütagü, do Rio Iça, vivemos na comunidade indígena Vila Betânia – Mecürane, no Município de Santo Antônio do Içá – AM (localizado a 880 quilômetros de Manaus, capital do Amazonas), sob liderança Chefe, pelo cacique Augusto Paulo, Tepatücü, respectivamente clã de Onça. Na comunidade Mecürane existem quatro escolas, três escolas de Ensino Fundamental e uma de Escola Estadual de Ensino Médio. Nessas escolas me formei e foi monitor, por seis meses na Escola Estadual. Nome da aldeia é em homenagem ao primeiro Cacique Mecüracü que faleceu em 1989. Atualmente tem escola creche para as crianças e Unidade Básica de Saúde, inaugurado em 2017, homenageada pelo povo, de Manoel Salvador – Tchitüücü, clã de Mutum. E as instituições são mantidas pelo governo do Estado do Amazonas e Prefeitura Municipal de Santo Antônio do Içá.

O Governo do Estado do Amazonas, em 1993 mais ou menos, investiu em um projeto chamado OGPTB, Organização Geral dos Professores Tikuna Bilingues. Este projeto foi muito importante para o meu povo Tikuna, pois assim, muito dos Magütagü, obtiveram formação acadêmica de nível superior e o OGPTB teve uma parceria com a Universidade do Estado do Amazonas – UEA, e atualmente estão atuando dentro da nossa comunidade. E assim, hoje em dia, quase todos os profissionais, professores da comunidade tem nível superior e alguns ainda estão em formação e terminando.

A pesquisa foi realizada por meio de um estudo empírico a partir de histórias narradas por pessoas residentes da comunidade Mecürane entre 2016 e 2018 na comunidade Indígena Vila Betânia – Mecürane² no município de Santo Antônio do Içá, Amazonas. O povo Magüta mais conhecido como Tikuna é o mais numeroso povo indígena da Amazônia Brasileira. E se autodenominam como povo Magütagü, o verdadeiro nome dos Tikuna. Significa tirar alguma coisa da

¹ Magütagü/Magüta: É autodenominação do povo Tikuna, que quer dizer povo pescado no igarapé Eware. Lugar este que é sagrado para o povo Tikuna.

² Mecürane: Significado deste é nome do primeiro Cacique da Aldeia, que é umas das características do pássaro Mutum, ou seja, “Pena lindo do Mutum”.

água, puxar para fora, o povo pescado no igarapé Eware³. A pesquisa se iniciou quando cursei a disciplina Método e Técnicas em Antropologia Social, e no semestre seguinte, cursei Seminário de Pesquisa Antropológica, para dar continuidade nos estudos e por fim, cursei Excursão de Didática de Pesquisa para realizar o trabalho de campo.

Nesta medida, compus a organização social e território dos Tikunas: 1) Observação participante e vivência (já que vivo esta realidade desde de criança) 2) etnografia de terceiros, 3) relatos e Contação de histórias narrada pela Tchiã'tchina. Temos aqui três elementos que colaboraram para descrição e análise do trabalho que veremos.

Um dos motivos que me levou a estudar meu próprio povo foi pensado desde que entrei no curso de ciências sociais no ano de 2012, pois, é porque está “precária” os estudos no rio Içá, os estudos sobre o meu povo. Então, por essa razão, tive a ideia estudar e fazer um trabalho no qual eu pudesse conhecer mais sobre o meu povo, sobre nossos conhecimentos, histórias, nossas tradições, entre outros. Tive o interesse em fazer, porque não ouvia muito sobre os nossos conhecimentos, nossas tradições e sobre ancestralidade. Isso me deixou intrigado, e queria conhecer mais sobre o meu povo, como disse acima. Neste caso, a oportunidade chegou para mim, quando ingressei no 2/2012, pelo vestibular indígena específico, na Universidade de Brasília (UnB) no curso de Ciências Sociais. Inicialmente não sabia e nem imaginava que existia uma ciência chamada Antropologia. Depois de chegar no quinto semestre, de pouco, fui entendendo o que esta ciência estuda, e assim pensei em fazer estudo sobre o meu povo.

Ao fazer e analisar aspecto culturais do meu povo Tikuna, busco ter um entendimento que permita a divulgação deste povo que sofreu violência, exploração de mão de obra, colonização pelos “patões” (seringalistas). Aqui no estudo, procuro e focalizo nas nossas tradições, saberes, no conhecimento Magüta, na organização social, e na luta pelo território dos indígenas do Povo Tikuna. Nesse sentido, o estudo será muito válido para a minha comunidade Mecürane, não somente para os Tikunas, e sim para academia e até mesmo para antropologia, e assim, registrar os conhecimentos tradicionais, conforme contada na comunidade Mecürane. Pois é preciso saber da própria história, do sistema de parentesco e do ritual da Moça Nova, entre outros, para repassar os conhecimentos tradicionais para que as futuras gerações saibam da nossa história e tradições. Enfim, investigando que “[...] a cultura é um campo onde se define não apenas a forma que o

³ Eware: Eware é a nossa terra sagrada, é o começo do mundo para povo Tikuna, onde foi criado/pescado o povo Magütagü. Neste lugar corre o igarapé que também se chama Eware. Das águas do Eware deus Yo'i nos pescou. Eware, tuas árvores e tuas águas é a nossa herança.

mundo deve ter, mas também a forma como as pessoas e os grupos devem ser” (SILVA, 2005, p. 134).

Alguns pesquisadores dos Tikuna fizeram uma pesquisa histórica consistente. Em geral, estes estudos se debruçaram sobre as relações entre os indígenas e a sociedade nacional, privilegiando a conceitos como “fricção interétnica” (Cardoso de Oliveira, 1964) ou “integração social” (Oliveira Filho, 1988). Os Tikuna eram índios da terra-firme, viviam próximos das cabeceiras dos igarapés (Oliveira Filho, 1988, 2000; Goulard, 2009).

Outros estudos sobre os Tikuna se farão presentes também. Jussara Gruber possui uma extensa experiência com os Magütagü. Morou durante muitos anos no Alto Solimões, trabalhando principalmente com a educação do meu povo. Fez diversas incursões a campo entre os anos de 1978 e 1995 (Gruber, 1999: 2, nota 1). Um dos estudantes da professora Jussara (como meu pai e tia chamavam ela) foi meu pai Rosalve Flores e minha tia Dorotéia Flores. Eles estudaram no Organização geral dos Professores Tikuna Bilíngue (OGPTB), durante a formação de professores indígenas bilingue. E com meu pai e minha tia aprendi “muitas coisas”, sobre a vida na cidade e os estudos.

Ao longo desta pesquisa de graduação, realizei três períodos de trabalho de campo, com durações distintas. Ao todo foram cinco meses de pesquisa, observações e vivências (apesar de que vivo) com o meu povo. Fiquei meio que ausente durante cinco anos. Iniciei meu trabalho de campo com meu povo em dezembro de 2016. Durante este período fui atrás das pessoas conhecedoras das histórias e que tem memória ainda sobre a nossas vidas antigas, costumes e rituais. Conhecia as pessoas da minha comunidade, mas não todos, e para saber quem sabia das histórias mais antigas, perguntei da Tchaue (minha mãe), Tchaunatü (meu pai) e Tchautücü (minha tia) e me indicaram a No’ê (vovó) Tchiã’tchina, a conhecedora das nossas tradições antigas. Os que participaram do trabalho foram, então, minha tia, meu pai, minha mãe, meu avô, vovô Tchiã’tchina, vovô Tchiâtchicü e cacique Te’patücü. Não foi necessário a autorização da FUNAI e sim a permissão do Cacique da comunidade. Expliquei o porquê o motivo dos estudos e quais eram os objetivos. Contudo, o rendimento etnográfico foi um sucesso, que me surpreendeu, pois era meu primeiro trabalho de campo que inicialmente não sabia como começar.

No Brasil, os Tikuna possuem uma população de cerca de 53.544 pessoas, em 23 áreas indígenas oficialmente reconhecidas, segundo os dados do Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena e Secretária Especial de Saúde Indígena (SIASI/SESAI, 2014). Ocupam tradicionalmente a região do alto Rio Solimões e Rio Içá da tríplice fronteira entre Brasil, Peru e Colômbia. No Peru tem aproximadamente 6.982 pessoas, segundo os dados do Instituto Nacional

de Estadística e Informática (INEI, 2007), e na Colômbia tem 8.000 pessoas segundo os dados de Goulard (2011).

O povo Magütagü tem uma história marcada pela entrada violenta de seringueiros, pescadores e madeireiros na região dos rios Solimões e Içá, e somente nos anos 1990 os Tikunas lograram o reconhecimento oficial da maioria de suas terras. Hoje enfrentam o desafio de garantir sua sustentabilidade econômica e ambiental, assim como qualificar as relações com a sociedade envolvente mantendo viva sua riquíssima cultura.

De acordo com os O'igü e No'êgü⁴, os Tikuna são originários do igarapé Eware, situado nas nascentes do igarapé São Jerônimo (*Tunetü*) tributário da margem esquerda do Rio Solimões, no trecho entre Tabatinga (na fronteira) e São Paulo de Olivença. Propriamente, os Magütagü ocupam, no Brasil, territórios nos municípios de Tabatinga, São Paulo de Olivença, Amaturá, Tonantins, Jutai, Benjamim Constant, Santo Antônio do Içá e Fonte Boa, no Alto Solimões. E, em decorrência do movimento histórico, estão presentes, atualmente, nos municípios de Anamá, Manacapuru, Beruri, Manaus e algumas comunidades que fazem parte da região metropolitana de Manaus e zona rural desse município.

O povo Magütagü (povo pescado) existe desde antes da chegada dos exploradores da borracha e madeiras, e habitavam às margens do Rio Jerônimo (*Tunetü*). De acordo com a narradora Tchiã'tchina, os Tikuna derivam a junção da carne do Ipi, o demiurgo, que se transformou em peixe com caroço de jenipapo. Então, acreditamos que somos descendentes do pai Ipi, peixe que virou gente. Desta forma, Magütagü quer dizer Povo pescado. A fruta de jenipapo, foi ralado, e jogado no igarapé cercado (só o resto dos caroços), e os caroços se transformaram, com tempo em peixes e quando pescados viraram gente e animais (todo tipo de animal, mas pescados com umas frutas diferentes). E assim, os Tikuna foram pescados com *Tüe tchoüne* (macaxeira branca), pelo pai Yo'i.

Segundo Nimuendajú, a língua Tikuna é caracterizada como “isolada”, pois os elementos linguísticos que possui não se enquadram em nenhum dos troncos identificados. O povo Tikuna tem um longo contato com a sociedade ocidental, datando de meados do século XVII, contabilizando-se aí, um processo de pouco mais de trezentos anos de contato. Com o período da extração da borracha, a partir da segunda metade do século XIX e a consequente exploração da mão-de-obra indígena no sistema de aviamento ou “barracão”, os Tikuna foram utilizados como mão-de-obra preponderante na indústria e na produção gomífera. Dessa forma, os Magütagü sofreram uma série

⁴ O'igü e No'êgü: Significa “Vovô e Vovó”, ou seja, os anciões que sabem da nossa história, das nossas tradições e costumes antigos.

de intervenções em sua organização social, em virtude das políticas adotadas pelos patrões (seringalistas), tornando-se dependentes de produtos da sociedade nacional, que lhes eram alcançados pela via do contato, de acordo com o regime do barracão. Os seringalistas desorganizaram as malocas clânicas dispersando os grupos ao longo dos igarapés e passaram a controlar muitos rituais tradicionais dos Magütagü, já que os mesmos foram espalhados para dentro da mata.

Essas intervenções, em muitos casos, assumiam um caráter violento, tal como a necessidade de pedir permissão aos patrões para realizar as cerimônias de puberdade (Festa da Moça Nova). Esse ritual em algumas comunidades, principalmente nos igarapés estavam à mercê da liberação ou não dos seringalistas. Neste caso em “muitas” comunidades atualmente não fazem mais o ritual da moça nova, assim como na comunidade indígena Vila Betânia – Mecürane.

Entretanto, o atrito com a sociedade nacional envolvente não deflagrou uma perda geral de identidade do povo Magütagü, que apesar de incorporarem alguns hábitos e tecnologias, mantiveram sua unidade social e diferenciação étnica frente aos contingentes de trabalhadores nacionais que alcançavam seus territórios e comunidades. Com isto, o povo Magütagü conseguiu manter sua língua, que hoje em dia é até falada não apenas pelos Tikuna.

Com a desorganização clânica causada pelo sistema de barracão, outras formas de manifestações foram criadas para que pudessem rearranjar suas festas familiares ou comemorativas, assim como conseguiram arrumar as suas reuniões de capitães (*caciques*) comunitários. Essa foi uma das estratégias que os Magütagü aproveitaram para não perder sua unidade étnica, tendo como saída o redirecionamento de suas atividades coletivas para não perderem a coesão social.

Apesar da grande influência religiosa das igrejas em alguns aldeamentos, tais como a Católica, a Batista e o Movimento Messiânico da Cruzada, algumas comunidades continuaram a praticar seus rituais mais antigos, não só o de puberdade, mas também de cura de enfermidades, praticadas muitas vezes de forma velada. Já em comunidades majoritariamente católicas, houve uma maior liberdade para a realização desses rituais, principalmente os pajés (*Pajé do bem e pajé do mal*) realizando curas nas pessoas doentes, e mesmo podendo fazer a pessoa adoecer com feitiço, feitiço esse que acontece por inveja e entre outros. O trabalho do pajé envolve cura, transe, transmutação e contato entre corpos e espíritos de outros xamãs, de seres míticos e de animais. O espírito da árvore açacu ajuda o trabalho do pajé. Ao iniciar o pajé chama o espírito da árvore para curar essas doenças ou feitiçaria, e, então, o espírito chega e entra no corpo do pajé. Aí ele canta. Depois vem outro espírito e mais outros. Se a pessoa está muito mal, é preciso chamar vários

espíritos das florestas como: Espírito da samaumeira, Espírito de chuchuacha, Espírito de cedro, Espírito de ucuuba, espírito de seringueira, espírito de maçaranduba, espírito de castanha-de-paca. Há também outros espíritos que o pajé chama, nesse caso, seres místicos, como: do boto-tucuxi, do Yewae (*cobra grande*) e do Curupira (Ser dono dos animais e florestas).

Segundo Erthal (1998, p.104), o pajé, no entanto, tem a sua ambiguidade marcada pelo seu pertencimento a um determinado grupo, sua possibilidade de demarcar novas alianças, incorporando assim as qualidades do bem e do mal, da vida e da morte, “feiticeiro” ou “curador”, reunidos em uma só pessoa. Rodrigues (2004, p09). Marta Rosa Amoroso, ao comentar sobre o Curt Nimuendajú, diz que os Tikuna tinham uma certa dificuldade em prestar informações sobre sua vida religiosa, sendo possível obter algumas informações através de uma certa insistência. Isso acontecia pelo fato de muitos Magütagü desenvolverem práticas de xamanismo, como curar pessoas, e como disse acima, o mesmo pode cometer o feitiço.

O comentário sobre o poder do malefício de um determinado pajé na maioria das vezes é feito de maneira indireta e, de forma geral, fala-se de alguém que “praticava” a sua feitiçaria no passado, ou em uma outra comunidade (AMOROSO, 2000 p.36)

Já em meados da década de oitenta, os Tikuna organizaram entidades representativas e conseguiram dar início a um processo de valorização étnica frente a sociedade nacional para lutar pela posse das suas terras, e dessa forma conseguiram demarcar muitas áreas, num processo que continua até os dias atuais.

Todas as traduções do Tikuna para o português foram feitas por mim, pois sou membro do povo pesquisado e sou fluente na língua dos Magütagü, mesmo com dificuldade em traduzir algumas palavras, pois, alguns não tem tradução em português. São traduções livres, ou seja, não houve consulta a dicionários, pois não existe ainda livros ou dicionários publicados com traduções, apenas existem alguns glossários não publicados. As traduções são praticamente como pude traduzir em português e não foram feitas com o rigor linguístico necessário.

Depois desta descrição inicial sobre o povo Tikuna, desenvolveremos no primeiro capítulo a caracterização dos Tikuna, construindo um histórico desse povo, abordando questões dos primeiros contatos com os colonizadores, a luta pelo território, os contatos com as missões religiosas e finalmente falaremos um pouco sobre a igreja na comunidade Mecürane. Ali, de alguma forma, deixaram-se alguns costumes deste povo, embora muitos membros da comunidade não percebem como são afetados.

No segundo capítulo desenvolveremos um pouco sobre a Origem do Mundo e dos Tikuna, narrado por uma anciã da comunidade indígena Mecürane, que por sua vez ainda lembra e tem a memória das histórias do povo Magütagü, que sabe das músicas, dos conhecimentos tradicionais, e este por sua vez, está se perdendo, porque não são repassados para os filhos e netos como antigamente. A história será contada, conforme a No'ê Tchiã'tchina conta, em especial sobre a origem do Ngu'tapa, Origem do Yo'i e Ipi, sobre a origem dos Tikunas, origens dos clãs, sobre o casamento e a organização social do povo Magütagü.

No entanto, no terceiro capítulo, deste trabalho, em especial sobre a organização social em comunidade Mecürane, falarei da vida, dos costumes ainda praticados por eles, como por exemplo, a pesca, a união em fazer roça, que é mais conhecido pelo povo como "Ajuri", que é realizado por uma família, onde o dono da roça busca alimentação para os participantes, o ajuda das pessoas é uma forma que terá que retornar de novo, quando é realizado pela outra família, funciona como troca. E por fim escreverei sobre Worecü (Ritual da Moça Nova), este que era, antigamente realizado toda vez que a menina é menstruada pela primeira vez, e é um ritual mais importante para o povo Tikuna. O ritual será contada pela No'ê Tchiã'tchina. Que segundo No'ê, ela era uma das cantoras do ritual, mas que por seguir e acreditar na palavra de Deus, deixou de praticar as músicas, mas ainda lembra um pouco delas embora esqueceu algumas. E é umas das tradições do povo que sofreu bastante e em muitas das comunidades não são mais praticadas como antigamente, assim como na comunidade indígena Vila Betânia – Mecürane.

Trajetória e as dificuldades

Sou do povo Tikuna, como é conhecido o povo Magütagü. Minha família Tikuna na parte patrilinear é do clã *Ecüã'* e, da parte matrilinear, *Cowacüa'*, respectivamente, clãs de Jenipapo e Manguari. Os Tikuna são um povo de língua isolada que habita no Rio Solimões, no estado do Amazonas. Sou filho de Rosalve Flores Felipe e Anália Melos da Costa, e sou o segundo de sete irmãos. Nasci no dia 02 de maio de 1993, na aldeia Vila Betânia (*Mecürane*), no rio Içá, afluente direito do Solimões, que hoje fica na Terra Indígena Eware I (município de Santo Antônio do Içá). Nessa comunidade passei minha infância e parte da adolescência, onde pude aprender a vida, costumes e o pensamento do meu povo. Na minha comunidade também tive um prévio conhecimento do mundo dos "brancos", pois a influência dos ocidentais já estava na região há muito tempo por meio da chegada dos portugueses, brasileiros, missionários, extrativistas, seringueiros e madeireiros que repercute até hoje na relação dos povos do rio Solimões e rio Içá

com a sociedade envolvente. Desta forma, pude iniciar a alfabetização e as primeiras séries do ensino com minha tia na escolinha da comunidade.

Estudei os ensinamentos fundamental e médio em minha própria comunidade, pois, quando nasci, lá tinha uma escola municipal, chamada hoje Escola Municipal Ngewane. Pretendia estudar fora para aprender a falar bem português, conhecer outros lugares e pessoas, mas meus pais não me deixaram por cuidado. Ao final, decidi ficar e continuar os estudos na comunidade mesmo, pois anos antes havia iniciado a Escola Estadual Indígena Dom Pedro I, com ensino médio, fase que finalizei em 2009. Depois disso, sempre tive o incentivo de minha tia Dorotéia Flores e dos meus pais para fazer vestibular. Tanto minha tia e meu pai possuem ensino superior e, por causa disso, me aconselhavam a fazer faculdade, pensando no meu bem e no nosso povo.

Um das coisas que me levou a querer estudar é que na minha escola não eram ensinados os costumes dos nossos antepassados, apesar de que ensinavam a escrever na língua – na nossa escola tem ensino de língua Tikuna desde as séries iniciais até o ensino médio e a maior parte dos professores é indígena – e, assim, me perguntava por que não eram ensinadas, contadas as histórias próprias de nosso povo, e, até pelo contrário, apresentavam-se outras propostas que combatiam a cultura indígena. Essas questões me inquietavam, mas não podia naquele tempo compreendê-las.

Lembro que fui aos poucos entendendo que o estudo adequado poderia ajudar a compreender minha realidade. Vi que era preciso o estudo da história dos povos indígenas da região e, ainda, entender a origem das instituições não-indígenas que funcionam em nossas terras. E, como havia escutado e aprendido as histórias e costumes dos antepassados por meio de meus avós e pais, fui me interessando pelas narrativas, histórias dos lugares sagrados, organização social do meu povo, com a intenção de estudá-los melhor, registrá-los e revitalizá-los, para que a cultura Tikuna não se perca, pois vejo que está cada vez mais se perdendo, devido que não estão sendo valorizados com vigor os conhecimentos tradicionais.

Devido a conjuntura social na minha comunidade *Mecürane*, senti-me com vontade de fazer algo pelos jovens, não somente localmente, mas pela toda região que nasci, por meio dos estudos. Pensei nisso porque via que muitos dos jovens não tinham muitas opções para viver após o ensino escolar, devido as necessidades que chegaram com o tempo de contato e tempo moderno. Quando homens, existe a opção do serviço militar (exército) e, quando mulheres, geralmente ficam com a família ou casam e trabalham na roça. Existe ainda o grande problema da bebida alcoólica não-indígena que prejudica a vida das pessoas e das comunidades. O trabalho assalariado também é muito difícil e, quando se encontra algum serviço, este é informal e muitas vezes de mão-de-obra exploratória. Por outro lado, muitos jovens não querem sair da aldeia, porque percebe-se a vida na

comunidade indígena como maravilhosa e boa de viver quando não há vícios e problemas vindos de fora. Assim, raramente algum jovem pensa em sair da comunidade. Mas os que migram para cidade não pensam em retornar para sua comunidade de origem.

Desse modo, finalizando o ensino médio, já pensava em fazer vestibular para um dia ajudar na minha região. Assim, prestei vestibular da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) duas vezes e, ainda, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), também duas vezes, porém sem sucesso em todas as tentativas. Então, soube do vestibular específico da Universidade de Brasília (UnB) por meio da parceria FUB/FUNAI a ser realizado em 2012. Apenas cinco pessoas, entre estas eu e minha irmã, conseguimos fazer a prova, tendo que ir de Santo Antônio do Içá para Tabatinga, de canoa e barco, contando com a articulação de meu pai para cooperação conjunta de gasolina e viagem e, no retorno, com auxílio de combustível pela FUNAI. Ao todo, gastamos oito dias entre as viagens e os dias de prova. Depois de um mês, num dia após voltar da roça com a família tive a notícia que tinha passado no vestibular. Contei com felicidade aos meus pais, agradei aos meus familiares e a dois agentes de saúde que também haviam me ajudado. Na mesma época consegui passar também na Universidade do Estado do Amazonas em outro curso, mas decidi ir para Universidade de Brasília, onde tinha optado pelas Ciências Sociais.

De início conhecia muito pouco sobre Ciências Sociais. Mais tarde, no entanto, depois que comecei a fazer o curso, pude notar o quanto essa área da ciência pode me ajudar no conhecimento, reflexão e entendimento de meu próprio povo e tantos outros povos indígenas e também ocidentais. Ingressei na Universidade de Brasília no segundo semestre de 2012. Iniciei o curso com quatro disciplinas: Inteco, ICP, Introdução a Antropologia e Introdução a Sociologia. Como minha primeira língua não é o português, no início tive muita dificuldade, tendo que lidar com cargas de leituras muito pesadas, além de ter que lidar com uma realidade de estudo diferente da base que tive na escola indígena e os desafios de viver na cidade. Por esses motivos desisti de duas disciplinas, ficando somente com Introdução à Antropologia e Introdução à Sociologia até o final daquele semestre.

Depois de dois anos de estudo, comecei a me interessar por projetos como o PIBIC e outros. Como bolsista desses programas, comecei a desenvolver um projeto para minha pesquisa. Fiz um trabalho de pesquisa sobre “Práticas Médicas do Povo Tikuna e os Serviços de Saúde”, realizado na minha comunidade *Mecürane*. O programa despertou o interesse para uma possível pós-graduação em Antropologia Social, com objetivo de me aprofundar mais sobre a questão, sobre meu povo, sobre os povos indígenas e etnologia de modo geral. Apresentei o resultado desse trabalho no 23º Congresso de Iniciação Científica da Universidade de Brasília e 14º Congresso de Iniciação

Científica do Distrito Federal, em 2016. Depois, consegui renovar para continuar no Programa de Iniciação Científica (2017 a 2018).

Também, em junho de 2017, a Coordenação da Questão Indígena (COQUEI), com outras parcerias, criou o Projeto Raízes, que seleciona graduandos da Universidade de Brasília para contribuir no processo de integração social e desenvolvimento acadêmico dos estudantes indígenas. Após concorrer, fui um dos selecionados no projeto como bolsista, para ser tutor. Além disso, faço estágio no Centro de Convivência Indígena (Maloca) da Universidade de Brasília. Com isso, atualmente, atuo buscando proporcionar aos novos estudantes maiores possibilidades de integração à comunidade universitária.

Durante o tempo de estudo na universidade, a área de antropologia me deu oportunidade de conhecer mais acerca dos seres humanos, suas sociedades e formas culturais variadas, além de me levar a pensar sobre meu povo. Busquei dar uma sistemática atenção aos estudos. Apesar de que tive dificuldades para entender de imediato muitas de suas discussões, percebo que consegui desenvolver um caminho de superação e poder conhecer cada vez mais a disciplina. Posso dizer que aprendi muitas coisas significativas que me levam pretender continuar os estudos na área, com fins de aprofundar minhas pesquisas e, assim, verificar melhor as questões centrais da Antropologia e buscar contribuir com o avanço da mesma.

A Experiência do Trabalho de Campo

Para a realização deste trabalho, tive o desafio de fazer pesquisa na minha comunidade e encontrei alguns embates, pois elaborar um trabalho sobre seu próprio povo, mesmo sendo um membro dos Magüta, da comunidade Mecürane, não foi nada fácil. Foram ao total quatro meses de pesquisa, procurei observar e envolver-me no nosso modo de vida, com a minha perspectiva indígena Tikuna de ser um futuro Antropólogo Magüta. Aqui, busco fazer uma pesquisa diferencial com olhar indígena. Cuido aqui de um levantamento da história dos Tikuna, localizando, corroborando e focando as histórias contadas em *Mecürane*. Trata-se de um estudo sobre a organização social e o território dos Tikuna. Um dos objetivos principais do trabalho é apresentar um pouco a história, entendimento da vida social do e do território do meu povo.

Ao longo do tempo, a universidade me fez perceber que o estudo antropológico me ajuda a entender melhor sobre minha sociedade e, ainda, outras, como a ocidental branca, que estão hoje em constante relação. Essa realidade requer hoje que indígenas também se preparem buscando a formação acadêmica, inclusive, na pós-graduação. A antropologia, nesse caso, me possibilita ir além e enxergar muitas dimensões. Desse modo, estou de acordo com o mestre antropólogo Gersem Baniwa, que diz:

Considero a antropologia como uma lente multifocal, multidimensional e multicósmica que possibilita ao indígena enxergar coisas que a própria antropologia não consegue ou não quer enxergar, porque este dispõe de outras formas, propósitos e ângulos para enxergar. Neste sentido, a antropologia pode oferecer aos indígenas um bem precioso e complexo que é o conhecimento sobre o mundo do branco. Os antropólogos não indígenas mesmo quando estão pensando e falando de indígenas, na verdade estão também falando deles mesmos, de suas auto representações, de suas cosmovisões, de seus universos culturais, ontológicos e epistemológicos, por meio dos quais, nós indígenas podemos conhecê-los bem mais na busca por uma convivência e coexistência mais promissora. (Baniwa, 2014: 234)

Para tal fim, adotei uma pesquisa de natureza qualitativa, em que foi utilizada fontes orais e escritas (literatura mitológica, antropológica e histórica), convivência, entrevistas formais e informais, realizadas na língua Tikuna. Os envolvidos foram membros Tikuna da comunidade, como os anciãos, especialistas de narrativas, professores e outros. Além disso, conseguir dados que dizem respeito ao povo Magütagü, para eu ter conhecimento e poder usar também o que foi registrado.

Vejo tal trabalho de suma importância, pois pela primeira vez um Tikuna, estudante em Antropologia pela Universidade de Brasília (UnB), buscou analisar de forma antropológica e linguística aspectos históricos e da vida dos Tikuna na comunidade indígena Mecürane. Mas aqui me pergunto, o que é ser antropólogo indígena? E como estou me sentindo pesquisando meu próprio povo e comunidade? Para mim, ser antropólogo e mesmo tempo indígena e pesquisador é desafiador, isso porque ao mesmo tempo é membro permanente de um povo indígena, mas que por sua vez busca e indica as possíveis soluções às demandas dos povos indígenas. A importância dos antropólogos indígenas se dá, sobretudo, pelo fato de ser o próprio antropólogo indígena capaz de narrar a sua história, suas tradições, seus conhecimentos tradicionais, a sua luta e compreender as relações no mundo contemporâneo em que vive. Como antropólogo indígena, o meu objetivo é divulgar minha cultura e projeto que quero desenvolver ainda, é voltado para o meu povo (penso em fazer futuramente o mestrado e quem sabe o doutorado), trabalhar pelos povos indígenas. O que sinto de pesquisar meu próprio povo e comunidade, é uma bela experiência e puder contar as histórias, as vivências e os conhecimentos tradicionais do povo, e me sinto honrado, pois o trabalho

é em prol da minha cultura, para minha comunidade, outras aldeias e sociedade nacional, pois é escrita por estudante indígena Tikuna e narrado por eles.

As vantagens que tive na minha pesquisa foi, porque sou um membro da etnia e facilitou, pois, como disse anteriormente, as entrevistas, as perguntas foram todos na língua Magütagü. Outra vantagem também, é que sou membro da comunidade onde fiz a minha pesquisa, conhecia o meu povo, conhecia os anciãos que sabem das histórias, das nossas tradições, costumes e modo viver nosso.

Desde que entrei no curso de ciências sociais, vi vários textos sobre meu povo, e via que muitos dos trabalhos feitos e contribuíram de alguma forma para pelo menos registrar a vida dos Tikunas nas comunidades. Nesses casos, fomos objetos de estudos para os antropólogos e, talvez missionários. Mas o que aqui quero é, fazer a pesquisa como indígena Tikuna e reescrever o que foi registrado até o momento, e também aqui quero mostrar e escrever conforme as histórias são contadas; não é que os outros trabalhos, teses e monografias estão errados, mas que deram muitas contribuições, mas busco entender o meu próprio mundo, e com os estudos, poderei aqui também colaborar e registrar as memórias. Além disso, me chamou a atenção que dos textos e das teses escritas sobre os Tikuna nenhuma é resultado de estudos feitos no rio Içá com o meu povo, ou com a minha comunidade. Por essa razão, fiz questão de fazer estudo antropológico com a minhas perspectivas Tikuna na minha aldeia.

Uns dos problemas para fazer o estudo, na comunidade Mecürane, foi porque, vejo que os costumes tradicionais estão se “perdendo”, e não são respeitadas as regras estabelecidas pelo Yo’i, principalmente pelos jovens. Estas regras quebradas conduzem a que alguns dos jovens cometam incesto, que para os Tikunas é um “crime”. Os pais não julgam mais como antigamente, deixando de lado, como se fosse uma coisa normal. Vejo que isso deveria ser ensinado desde criança, nas escolas e em casas, pelos pais e avós.

Durante a minha pesquisa tive um pouco de dificuldade, pois não sabia muito como iniciar as entrevistas apesar que sou falante e fluente da língua Tikuna. Com as observações participantes que fiz na comunidade indígena tive um pouco de complicação, principalmente em como escrever, pois, ficava em dúvida se escrevia na língua ou em português. Mesmo com dificuldade, pude perceber e escrever o que desejei desde o início, como sistema de parentesco, tradições, Ritual da Moça Nova e falar sobre território dos Tikuna.

No entanto, aprendi muitas coisas sobre o meu povo. Pude entender melhor o meu próprio mundo, que antes não conhecia muito, e os estudos me mostrou ainda melhor sobre entendimento dos conhecimentos, costumes, tradições e a língua, que são de suma importância para o meu povo, como fomento para preservar a identidade Tikuna. Com os estudos realizados sobre meu povo,

cheguei à conclusão que a cultura e os conhecimentos tradicionais, são muito importante e tem que ser preservada, para que as futuras gerações preservem também.

O Histórico dos Primeiros Contatos dos Colonizadores com o povo Magütagü

O povo Magütagü ocupa historicamente a região do Alto Solimões e o Rio Içá, no oeste do Estado do Amazonas, na tríplice fronteira Brasil, Peru, Colômbia. No entanto, esse povo não está localizado só em terras brasileiras, pois passando a fronteira nacional se localiza em terras peruanas e colombianas.

Os Magütagü foram citados pela primeira vez em 1641 pelo padre espanhol Cristóbal de Acuña, quem registrou a expedição exploratória do capitão português Pedro Teixeira, quem partiu de Belém chegando a Quito e logo desceu de volta. A referência se encontra no Livro Novo do Descobrimento do Rio Amazonas, de Cristobal de Acuña. A referência, abaixo transcrita, está no capítulo LI:

"Mantêm estas tribos, por uma e por outra margem do rio, contínuas guerras com os povos vizinhos que, pelo lado do sul, são, entre outros, os Curina tão numerosos, que não apenas se defendem, pelo lado do rio, da grande quantidade dos Água, como também sustentam armas, ao mesmo tempo, contra as demais nações que por via terrestre os atacam constantemente. Pelo lado norte os Água têm como inimigos os Tikuna que, de acordo com boas informações, não são inferiores aos Curina nem em número nem em brio, já que também sustentam guerras com os inimigos que têm terra adentro".

Os primeiros contatos do povo Magüta, com “os colonizadores datam do final do século XVII, quando jesuítas espanhóis vindos do Peru, liderados pelo padre Samuel Fritz, começaram a fundar diversos aldeamentos ao longo do rio Solimões, que correspondem aos atuais municípios de São Paulo de Olivença, Amaturá, Fonte Boa e Tefé. Tais missões foram dirigidas principalmente para os Omágua, que dominavam as margens e as ilhas do Solimões, impressionando fortemente os viajantes e cronistas coloniais pelo seu volume demográfico, potencial militar e pujança econômica. Os registros da época falam em muitos outros povos (como os Miranha ou os Içá, Xumana, Passe, Júri, entre outros, dados como extintos já na primeira metade do século XIX por naturalistas e viajantes), que foram aldeados juntamente com os Omágua e os Tikuna, dando lugar a uma população ribeirinha mestiça” (Oliveira, 2002: 280).

A partir da fundação da missão jesuíta espanhola até o estabelecimento da posse desta região por Portugal, no século XVIII (com a construção de uma fortaleza em Tabatinga), os espanhóis e os portugueses vinham disputando a hegemonia no alto Solimões. O temido povo Omágua (também conhecido como Cambeba), de tradição guerreira, quase foi exterminado neste processo, seja pelas

doenças ou por sua participação na disputa entre os dois Estados coloniais, Espanha e Portugal. Com o tempo, os europeus não quiseram ou não conseguiram povoar a região antes habitada pelo povo Omágua, e os Magütagü passam a ocupar esse espaço, descendo dos altos igarapés, onde conseguiram se livrar do contato mais intenso.

Nas duas últimas décadas do século XIX, com a exploração da borracha, a Amazônia se tornou palco de um violento abuso do trabalho seringueiro. O alto Solimões, apesar de não contar com seringais tão produtivos quanto os do Acre, por exemplo, também não ficou de fora da corrida pelo “ouro branco”, como era chamada a borracha na época.

O contato do meu povo Magütagü se deu com a entrada violenta dos colonizadores e exploradores de borracha, madeireiros e seringueiro e pescadores, estendendo-se até os dias atuais. Esse longo processo trouxe diversas intervenções em nossas organizações sociais, políticas e muitas vezes, forma, executadas com requinte de violência, entre elas destacam-se a desestruturação das malocas clônicas, “a conversão religiosa ao cristianismo e principalmente o uso abusivo da mão-de-obra desse povo na exploração do látex na região, no século XX, foram utilizados para a exploração da madeira, em especial o cedro”. (RODRIGUES, 2004: 20). Atualmente, por causa desta violência, as casas são totalmente diferentes. Pelas casas de alvenaria, deixamos de lado as malocas. Atualmente na comunidade Mecürane temos casas de alvenaria e que pelo visto são diferentes das malocas, por serem mais resistente, mas isso não nos determine que deixamos de ser indígenas Tikuna, só porque nos apropriamos de uma parte de sua vida urbana ocidental. Apesar de que os Magütagü foram bastante colonizados, nunca deixaram de ser Tikuna e mantém sua língua materna.

A colonização do Amazonas, do Alto e Médio Solimões foi cimentado sobre o extermínio de culturas originários, de povos nativos, que habitavam ali com sua cultura intacta, mas que com a chegada dos colonizadores a cultura foi se perdendo, como aconteceu na comunidade Mecürane, onde não se praticam mais suas tradições e rituais como antigamente. Como diz Hugo Armando Camacho:

“como la de los aguerridos Omagua, defendiendo sus tierras; otras etnias desaparecieron tras las epidemias que dejaron los invasores; otros entregaron sus vidas extrayendo resina de caucho, y las más afortunadas tuvieron que renunciar a su propia identidad para sobrevivir” (Camacho, 1995)

Com isto posso dizer que meu povo sofreu muito com o grande ciclo de exploração, que impactou profundamente a nossa cultura, tradições, e foi difícil superar o que passamos. Algo

semelhante aconteceu com outras etnias. Então, algumas culturas “sobreviveram” como o nosso povo Magütagü, que iniciaram um processo de afirmação e recuperação cultural.

Segundo Curt Nimuendajú, o etnólogo alemão que, em 1929, fez a sua primeira viagem ao alto Solimões, os Tikuna são citados pela primeira vez como os inimigos dos Omágua (também conhecidos como Cambeba), moradores da margem esquerda do rio Solimões. Os Magütagü, que já fugiam das agressões deste povo, refugiavam-se nos altos dos igarapés e afluentes da margem esquerda do Solimões, e fizeram o mesmo com a chegada dos espanhóis. De acordo com Rodrigues (2004), a desestruturação das malocas clânicas dos Tikuna decorreu, principalmente, devido o contato exacerbado que passou a ocorrer com a população ocidental a partir das ações intervencionistas dos “brancos”. Habitantes tradicionais das margens do rio Solimões, passaram a se refugiar mata adentro, fugindo das ondas de invasores de suas terras, buscando instalar-se, principalmente, às margens dos igarapés no interior da floresta, buscando encontrar um ambiente onde os invasores não pudessem encontrá-los com facilidade, para se livrarem do regime exploratório a que vinham sendo submetidos.

É por refugiar-se na mata adentro foi que o meu povo Magütagü sobreviveu e ainda mantém firmemente a sua língua materna nativa. Segundo o meu avô, os Tikunas não enfrentavam os colonizadores, pois os grupos que os enfrentavam morriam, como no caso dos Kokama, que vivem ali próximo aos Tikunas e em grande medida perderam sua língua, pois ainda restam alguns falantes fluentes.

Em razão do fluxo migratório que os Tikuna realizaram para o interior, é que se fez uma classificação analítica entre os Tikuna migrantes e os que continuaram em suas localidades, trabalhada tanto por João Pacheco de Oliveira Filho (1988) quanto por Roberto Cardoso de Oliveira (1996 [1964]) que os classifica como os Ticuna das margens e os Ticuna dos igarapés. Os Ticuna das margens, por continuarem espalhados pela calha do rio Solimões, tiveram um contato mais intenso com o comércio de portugueses e de espanhóis, que exploravam os serviços oferecidos pela população não indígena, como roupas, utensílios domésticos, de beleza, boa alimentação, além de serviços de saúde. Essa situação ocorreu com mais intensidade, após a implantação de um Posto Indígena na cidade de Tabatinga fundado em 1776, denominado “Ticunas”, cuja ação forjou uma lógica de tutela.

Os Magütagü que haviam se alojado nos igarapés passaram a experimentar um processo diferente daqueles localizados nas margens do rio Solimões. Passaram a ser utilizados no trabalho de exploração do látex nos seringais da região, causando-lhes uma fragmentação não só na vida

como povo, também na vida familiar, estendendo-se mais tarde de forma mais acentuada através da exploração de madeira, na década de 1950.

O povo Tikuna foi submetido ao sistema de “barracão” pelos seringalistas. Nessa condição, os Ticuna foram obrigados a trabalhar em sistema de semiescravidão ou aviamento. Os exploradores de produtos extrativistas não respeitavam as diferenças cosmológicas existentes entre índios e não índios, que trabalhavam e viviam juntos. Vivendo uma vida diferente daqueles Ticuna localizados nas margens do rio Solimões, os do interior não experimentaram boas condições de moradia, não tinham boa alimentação, trabalhavam sob carga horária pesada, não usufruíam de muitos utensílios domésticos e não recebiam serviços de saúde, ficavam totalmente submetidos a diversos contratos excludentes firmados com seus “patrões” seringalistas.

Apesar da distinção analítica existente entre os Ticuna das margens e os Ticuna dos igarapés, que perdurou até o ano de 1962, as comunidades dos igarapés eram mais numerosas, e aquelas localizadas às margens do rio Solimões, distribuíam-se esparsamente interagindo com a população nacional através da atividade dos regatões⁵.

A Luta Pela Demarcação de Terra Mecürane

A demarcação de uma Terra Indígena tem por objetivo garantir o direito indígena à terra. Ela deve estabelecer a real extensão da posse indígena, assegurando a proteção dos limites demarcados e impedindo a ocupação por terceiros.

“São reconhecidas aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União Demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens” (Artigo 231 – constituição da República Federativa do Brasil)

A luta dos Tikuna pela demarcação, aconteceu entre os Magütagü do Alto Solimões, no ano de 1982, a sua mobilização e organização foi em torno de terra. Em 1981, os Magütagü fizeram uma convocação ampla e direta em quase todas as 37 comunidades para uma reunião na aldeia

⁵ Embarcações em sua maioria de pequeno e médio porte, que realizam junto às comunidades ribeirinhas da Amazônia uma relação de comércio e troca de produtos principalmente, industrializados.

Campo alegre, onde se definiria uma proposta quanto à demarcação de suas terras, e a ser encaminhada à FUNAI. Com a participação e presença de 31 capitães (*Caciques*) e 1139 visitantes, os Tikuna reuniram-se sem qualquer participação das agências de contato (FUNAI, comando de Fronteira, projeto Rondon, proprietários de terras e regatões, Prelazia do Alto Solimões, Missão batista, Irmandade Santa Cruz etc.), superando suas divisões e facções religiosas.

Neste encontro de Caciques que, pela primeira vez, surgiu uma proposta de delimitação das terras que resultasse inteiramente de reivindicações e discussões feitas pelos próprios Magütagü e foi elaborado um mapa com a participação de todos os caciques presentes na reunião.



Foto 1: Mobilização e organização em torno da questão da terra, dos Tikuna em Alto Solimões em 1982. Na comunidade Indígena Campo Alegre, com a presença de 31 capitães (*mais conhecido como cacique, atualmente*) .

Fonte: A luta dos Tikuna pela demarcação de terra. Vera M. N. Paoliello (1988)

De acordo com o indígena antropólogo Puyanawa, Jósimo da Costa Constant:

“Haesbaerth (1999, p.258) assevera que a perda dos territórios implica, na maioria dos casos, na fragmentação dos indivíduos que compõem as comunidades. Ao serem desconectados em relação ao espaço e aos seus

recursos naturais, estes perdem muitos de seus referenciais culturais de identidade. Nessas situações, as dimensões econômicas, política e cultural da vida social podem se desarticular, enfraquecendo a unidade política dos grupos e tornando bem mais ambíguas as relações que as coletividades estabelecem com seus territórios.”

As terras tradicionalmente ocupadas pelos indígenas destinadas à sua posse permanente, cabendo-lhes o usufruto exclusivo das riquezas do solo, dos rios, dos lagos nelas existentes. Não por caso, a comunidade indígena Vila Betânia – Mecürane, preservam os seus lagos dentro da área demarcada, pois é para sua própria sustentabilidade econômica. Mas que hoje, apesar de preservadas, são invadidas pelos pescadores e madeireiros não-indígenas, desrespeitando a área dos Magütagü.

Para compreender melhor o processo de demarcação física e jurídica da Terra Indígena Tikuna, fui atrás das pessoas que participaram ativamente desse processo. Procurei conversar e entrevistar alguns indígenas, o qual foi sugerido pelo antropólogo Cássio Noronha. Nomes como Santiago Jorge (*Buucü*, do clã de Jenipapo) e o senhor Manoel Isaque (*Tchiãtchicü*, do clã de Onça), e outros foram importantes. Fui atrás de cada um para fazer entrevistas, mas somente com o senhor Santiago (meu avô) e o senhor Manduca conseguir falar e entrevistar, já que os outros já faleceram. No dia 16 de julho conversei com senhor Santiago Jorge, *Buucü*⁶, num domingo, já que ele é meu avô, e moro junto com ele e meus pais. Perguntei se podia entrevistar ele, e mostrou-se disposto a dar entrevista. Mas que poderia ser na segunda feira dia 17, depois de tomar café da manhã.

No dia 17 de julho de 2017, depois de tomar café manhã, comecei a conversar com meu avô *Buucü*, e minha mãe estava presente. Iniciamos a nossa conversa, na língua Tikuna, fiz a gravação de vídeo no celular. Inicialmente perguntei dele onde nasceu e cresceu, e disse o *Buucü* que nasceu na Canaviar⁷ e também cresceu por lá, é abaixo de Tonantins.

Tapü'cü: Me fale um pouco do senhor, onde nasceu e onde cresceu? **Buucü:** Nasci e cresci por lá, olha que desde quando era criança, minha mãe pediu para eu ir à escola para estudar quando eu tinha a idade do seu irmão (Chiquinho), com seis anos de idade. Estudei na escola do Morango, seu eu

⁶ Buucü: Significa clã de jenipapo, ou seja, umas das características da árvore que quer dizer “Jenipapo apanhado ou acolhido”.

⁷ Canaviar: É igarapé, este nome dado pelos Tikunas, residente no local.

não me engano dois meses, e crescemos por lá. E então, meu pai saiu de lá com a gente e fomos mais próximo ao Tonantins e moramos por lá durante seis anos.



Foto 2: O'i (meu avô) Bu'ucü. Na mesa da cozinha. Depois de tomar mingau de banana (café da manhã).

Fonte: Felipe, I. C. 2017.

Tapü'cü: O senhor participou da demarcação de terra? E os Missionários americanos? **Buucü:** No início moramos aqui já, antes da chegada dos missionários, onde Wai'yu⁸ mora. Foi aqui que moramos quando chegamos primeiro. O nosso pai fez a casinha dele ali. Na época eu era novo e ainda não tinha casado. Andávamos aqui, íamos para festa; aqui não tinha gente,

⁸ Wai'ju: É o irmão do meu avô, deram este apelido, porque caçava muito Piuri. Piuri é um pássaro parte da família do Mutum.

tínhamos medo dos não indígenas que moravam aqui. Estávamos com muito medo, pois não tinha gente aqui. Quando completou sete anos que morávamos aqui, já estavam grandes as frutas, crescendo, fizemos roças. Sobre a demarcação, não sabia o que era e até hoje não sei direito sobre isso; o senhor Manduca que acompanhou mais sobre a demarcação daqui de Betânia, pois eu não sabia muito do que se tratava. **Tapü'cü:** Os Brancos que moravam aqui, eram fazendeiros? Tinha campo de gado? **Buucü:** Era capoeira aqui, eles não faziam roça, só tinha casa deles, faziam mais festas. Nós ficávamos com medo e nunca fomos por medo. As vezes quando eles falavam com meu pai, que víamos eles, pescávamos escondidos, porque os brancos sovinavam⁹, onde agora o senhor Tertulino fez a roça, proibiam de pescar e eles moravam lá para cuidar, o pai do Severino quase flechou um deles um dia com arpão, e por isso mataram o pai do Severino. Eles ameaçavam com espingarda. Até que um dia fizeram feitiço para o Severino e faleceu depois de adoecer.

Assim, o senhor *Buucü* falou um pouco sobre sua vida na comunidade, e até hoje mora na aldeia com sua família, mas a esposa dele faleceu no ano de 2002. Então o *Buucü* me pediu para conversar com o senhor Manduca, como tinha sugerido o antropólogo Cassio. Fui atrás do senhor Manduca, mas sem sucesso na época quando estava fazendo excursão didática. Isso era em fevereiro de 2017, pois, segundo os filhos, ele estava viajando para São Paulo, para visitar a filha que mora na cidade e que ele retornaria em março de 2017.

No dia 15 de março de 2017 liguei para casa, para saber sobre o senhor Manduca e que queria muito falar sobre a demarcação de terra Tikuna com ele. Mas pela segunda vez sem sucesso. Ele estava meio doente e não podia voltar logo para a comunidade. Depois disso fiquei “sem tempo”, para tentar falar com ele. O semestre estava começando e peguei umas cinco disciplinas. Passou-se então o ano, e no fim viajei de novo para comunidade nas férias; fiquei pouco tempo na aldeia, fui à casa dele umas duas vezes antes de viajar, mas sem sucesso, acho que estava com azar naqueles dias.

⁹ Sovinar: Quer dizer proibido. Proibiam para os moradores da comunidade pescarem no lago, que desde sempre é deles, mesmo assim, os não indígenas a proibiam. Próximo a aldeia tem vários lagos que são ricos de peixes. Eles o proibiam para eles venderem os peixes na cidade, só para eles.



Foto 3: Tchaunatü (meu pai) e o O'i (vovô) Tchiâtchicü. Depois da entrevista (via celular) na casa do meu pai.

Fonte: Rosalve Flores Felipe, 2018.

No dia 25 de junho, finalmente conseguir entrevistar o senhor Manoel Isaque, através de celular. A entrevista aconteceu umas 11 horas da manhã, e a ligação foi de Brasília para Mecürane, e gravei a ligação. Antes mesmo, liguei em casa (casa dos meus pais), minha mãe me atendeu, conversei um pouco, perguntei como estão as coisas, como está indo na comunidade. Perguntei para ela se o senhor Manoel se encontrava na comunidade e na casa dele. E por coincidência ela estava indo para Posto de Saúde, próximo à casa do senhor Manoel. Pedi para minha mãe, passar na casa dele; por sorte, quando ela foi, ele estava em casa. E ela disse que eu precisava falar com ele. E na mesma hora ele foi junto com a mãe para nossa casa. E me retornou à ligação. Atendi o celular e minha mãe disse que ele estava já em casa para conversar comigo.

Iniciamos a nossa conversa/entrevista. Expliquei para ele o porquê que gostaria de falar com ele e da importância do assunto. E ele lembra no momento que eu tinha ido para casa dele umas vezes, mas que ele não se encontrava. Para tanto, comecei a entrevista com senhor Manoel:

Tapü'cü: Segundo o antropólogo, o senhor participou da demarcação de terra de Betânia – Mecürane, não sei se o senhor lembra. Quero saber um pouco sobre a demarcação de terra da nossa comunidade, mas gostaria que o senhor me falasse um pouco de você, de onde veio, onde nasceu e quem participou da demarcação? **Tchiâtchicü:** Eu vou contar na língua e depois eu falo em português. **Tapü'cü:** O senhor pode falar somente na língua, depois faço a tradução, pode ser? **Tchiâtchicü:** Tá. Eu nasci no Iça, mas, meu avô e meus pais vieram do rio Jacurapa. Antigamente, quando não tinha gente aqui no Iça, meus avôs chegaram no Japacua, mas lá moravam três Kokamas, que se criaram com os Tikunas, chamados Casimiro e o senhor Luis. Os dois falaram que a mãe deles era Tikuna. Viemos também de Jacurapa, e meus pais aqui onde moramos agora, morreram, disse o Luis. Os pais do Casimiro morreram de sarampo, e eles não aguentaram e morreram. E eles foram os únicos que ficaram no local. Quem ficou com esse lugar foi senhor Luis. O meu avô se apresentou para o Luis, e disse que o nome dele era João Hilário, e que a minha esposa é Maria Joana. Falou: “viemos aqui porque minha mãe nasceu aqui”, disse o João e o Luis disse também, e que a mãe dele nasceu naquele lugar e é Tikuna, se criaram como Tikuna. O senhor Luis recebeu o João bem, e disse que eles tinham um roçado no igarapé e deixarei o senhor por lá, para vocês morarem por lá e ficarem por lá. Ninguém vai mexer com vocês. Quando a casa dos meus avôs estava pronta, meu pai chegou, eles foram atrás dele. E meu pai casou por lá, e nasci nesse lugar, Japacua. E hoje conheço muito bem a área, pois foi criado no lugar e conheço até no Ipiranga, até aqui em Santo Antônio do Içá. E conheço bem o lugar, na verdade conheço também até em Amaturá, pois na verdade cresci por lá. Então, por isso conheço bem a área aqui em Betânia e Japacua. **Tapü'cü:** Sim, conhecedor das áreas então é o senhor. **Tchiâtchicü:** Mas, este Içá conheço bem também, pois um dia, já embarquei com um colombiano e ele foi para Leticia comigo, em Colômbia, na última cidade. Ele me botou para trabalhar, e trabalhei por lá, durante três anos, e fiquei por lá, durante três anos. Depois disso, me

levaram para outra cidade, e fiquei por lá, mais dois anos, trabalhando também. Depois fui para Tarapacá, e fiquei por lá mais um ano. Depois foi embora, e voltei para Brasil, para minha comunidade, é por isso que conheço bem o Içá e o Solimões, até em Tabatinga, e na parte de baixo conheço também, Porto Velho, atrás da cidade de Manaus, trabalhei por lá durante cinco anos. Quando a Funai chegou aqui, foi eu que procurei, e fui para Manaus, para procurar a Funai, e ninguém sabe aqui em Betânia quem foi que foi atrás e quem trouxe a Funai. Um dia, quando fui a Manaus, encontrei um cara da Funai, e que falou bem comigo, e me informou direito como funciona, e me perguntou quem eu era; eu disse a ele que sou Tikuna. Me perguntou se eu era índio de verdade, mas eu disse que não, e que sou índio Tikuna. Falei para ele que minha comunidade é Betânia, mas a minha comunidade não era grande, tem aproximadamente 50 casas ao todo, eu disse. E me perguntou, onde era isso. Eu disse que fica no rio Içá, próximo a município de Santo Antônio do Içá. **Tapü'cü:** Quem era o funcionário da Funai? **Tchiâtchicü:** Não me recordo. Ele ficou muito feliz comigo, me perguntou se eu queria trabalhar. E disse que estava pronto, pois vim para cá para trabalhar, eu disse. Trabalhei seis anos fora, eu disse que já estava voltando para minha terra, pois deixei minha esposa por lá. Ele disse que eles vão trabalhar com indígenas, sobre a demarcação de terra, e vamos para lá para o rio Iça. Perguntei a eles se podiam me arranjar uma vaga para trabalhar, aqui na Funai, e ele disseram que tinha, e me nomearam para um cargo para trabalhar. E o senhor me levou na Funai e foi me apresentar e me aceitaram com respeito. O chefe da Funai era de Tabatinga e me recebeu com respeito, e disse que eu era já funcionário da Funai, e disse que meu nome já estava lá. E eu disse que ficaria responsável com O trabalho de mostrar a área da minha comunidade, e disseram que eu ficaria responsável com Betânia para delimitar e controlar a área, e eu disse que estava tudo bem. No mesmo dia me perguntaram, quando é que eu voltava para comunidade. E disse que viajaria na mesma semana, mas antes de ir, falei que estava preparado para trabalhar e quando o pessoal da Funai chegasse, já estaria lá, esperando. Depois que eu disse, ficaram muito felizes. E falaram que meu nome já estava com eles e estava tudo lá. Me disseram que eu não pagaria mais a passagem e tudo será pago pela Funai. Me perguntaram quando eu voltava, eu disse que

seria no dia seguinte. Que no outro dia estaria saindo um barco que eu embarcaria, e disseram que tudo bem, e me levaram para o barco e me deixaram e pagaram a passagem. Então esse foi o meu trabalho que fiz na época para nossa terra ser demarcada. Esse foi o trabalho que fiz, que eu fiz força, não foi nada fácil. Para chegara na cidade. E ninguém sabe aqui, quem foi que correu atrás da demarcação, nunca contei para ninguém como trabalhei na FUNAI naquela época. Esta comunidade não sabe, onde fui, e como trouxe a Funai, pois fui eu que trouxe. Fui eu que procurei em Manaus, para termos a nossa terrinha demarcada, a viagem foi longa. Depois fui a Tabatinga e trouxe a Funai a força, naquela época. **Tapü'cü:** Conversei com um antropólogo anteontem e ele me indicou o senhor para falar um pouco sobre a demarcação de nossa terra. Deve ser um dos parceiros dele que fez os estudos aqui para nossa terra poder ser demarcada. Antes não sabia, quem era que participava ativamente sobre a demarcação de terra. Procurei e pesquisei, mas não conseguir achar ou encontrar para saber. Perguntei ao meu avô, mas ele não sabia muito sobre o assunto. Nesse caso, um antropólogo me contou que o senhor participou da demarcação e é por isso que estou lhe perguntando. Se não fosse o senhor a nossa terra não seria demarcada. **Tchiâtchicü:** Meu filho, luta também pela nossa causa. Qualquer coisa estarei aqui. Quando você quiser conversar e me chamar estarei aqui preparado. **Tapü'cü:** Daqui para frente se eu conseguir entrar no mestrado, farei um estudo profundo. Nesse caso procurarei o senhor pessoalmente para ter melhor diálogo. **Tchiâtchicü:** Meu filho, luta também pela nossa causa. Agora é sua vez, qualquer coisa estarei aqui para lhe ajudar. **Tapü'cü:** Apesar de que a nossa área é demarcada sempre há invasão das nossas áreas, por exemplo pescadores e madeireiros. Então, temos que cuidar da nossa área, proteger e preservá-la. Pois a área da nossa comunidade é um pouco grande e chega até Jacurapa. **Tchiâtchicü:** No momento, meu neto, tem invasores na nossa área serrando madeiras. Isso acontece porque nosso cacique está parado. Tal vez, por estarem sem recurso, sem gasolina por exemplo, e não tem como cuidar das áreas distantes. **Tapü'cü:** A minha entrevista com o senhor estará escrita na minha monografia. Depois será publicada para os não-indígenas respeitarem às nossas áreas. É por isso que estou escrevendo, saber quem participou. Além do senhor quem participou? **Tchiâtchicü:** Os

que participaram da nossa demarcação de terras não estão, mas conosco, morreram. Quem participou foi o Capitão Alfredo e outros. Agora sou único que restou entre eles. Eles lutaram muito. **Tapü'cü:** É por isso que é importante registrar quem participou. Ainda bem que o senhor estava na sua casa para poder registrar quem participou da demarcação. É muito importante para nós, jovens, saber quem lutou para que hoje tenhamos uma terra demarcada. Se não registrar, ninguém vai saber sobre quem correu atrás, quem lutou para ter demarcação. **Tchiâtchicü:** Senhor Joãozinho também que participou e que lutou. Eles que foram em Tabatinga, quando era reunião geral do Tikunas sobre a demarcação.

Como podemos ver na entrevista do O'i Tchiâtchicü, a luta pela demarcação de terra dos Tikunas não foi nada fácil. Viajou praticamente cinco dias para chegar em Manaus, onde buscou e trouxe a FUNAI na comunidade para fazer os estudos antropológicos, e, por conseguinte, poder demarcar a terra dos Tikunas. Ele é um dos que participou ativamente, pois trabalhava na Funai e levava os antropólogos no local que ele conhecia para eles terem um pouco de visão e entendimento de que ali era uma área tradicionalmente ocupada por Tikunas, no Rio Içá. O primeiro cacique da comunidade, Alfredo, lutou bastante pela demarcação de terra dos Tikunas de Mecürane, Ele foi um dos primeiros moradores da aldeia e foi escolhido para ser líder da comunidade (Cacique).

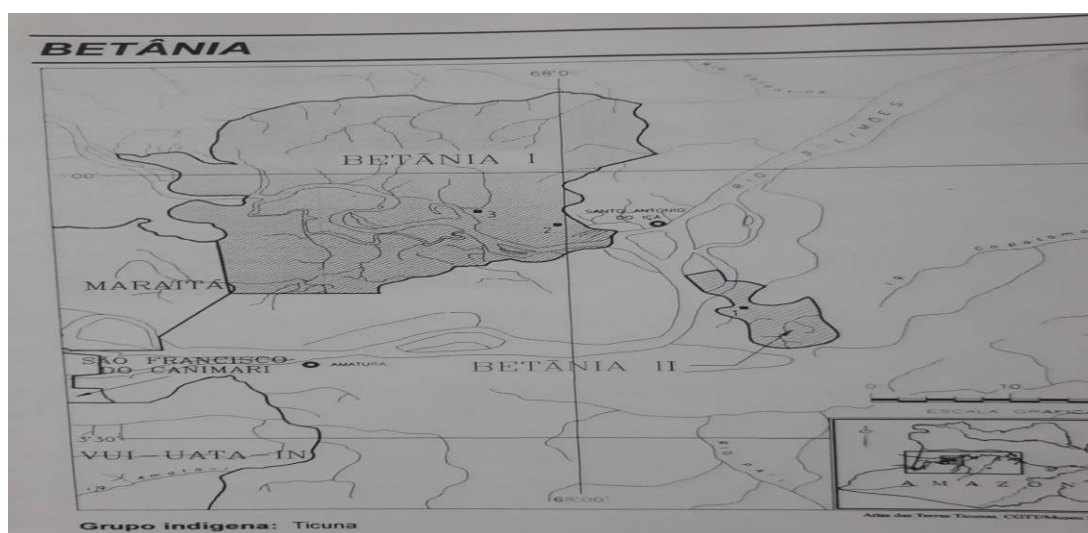


Foto 4: Mapa da Terra indígena Tikuna de Vila Betânia – Mecürane

Fonte: Atlas das Terras Ticunas – CGTT/Museu Nacional, 1998.

A demarcação foi realizada no ano de 1993 dentro do convenio Centro Magüta/FUNAI. A terra dos Tikunas da comunidade Mecürane é composta de duas áreas descontinuas, uma de cada lado do Rio Solimões, homologada pelo mesmo Decreto em 1995 e registrada no ano de 1996, com superfície total de 122.799,0265 hectares. A comunidade está situada na Terra Indígena Eware I, no Rio Içá. Na atualidade, o número da população da comunidade indígena Vila Betânia-Mecürane, é de cerca de 4.000 habitantes, segundo levantamento de 2017 do Polo Base da Comunidade.

De acordo com Souza e Almeida, (2015: 81) A Terra Indígena demarcada deve representar a base material para que os povos indígenas possam realizar sua “reprodução física e cultural”, ou seja deve oferecer elementos para sobrevivência e a sustentabilidade dos povos indígenas. A demarcação da terra e o respeito da sociedade nacional aos direitos dos indígenas e aos limites deste território constituem obediência às normas e garantia do sustento e da sobrevivência dos povos indígenas.

Durante a década de 1980, o povo de Magütagü enfrentou uma constante e intensa mobilização política que foi acompanhada por uma crescente hostilidade contra o meu povo. Sofremos ameaças, ataques, armados, prisões, espancamento e mortes. A magnitude desses enfrentamentos evidenciava o interesse de antigos “patrões”, posseiros, madeireiros, comerciantes e até políticos locais para amedrontar para assim impedirem a demarcação da nossa terra. Mas queríamos retomada das nossas terras, ou seja, já morávamos, nascemos no local, somos filhos da terra, antes mesmo da chegada dos não indígenas.

Depois de tantas reuniões entre Caciques, na segunda assembleia geral, celebrada em Belém de Solimões, em 1982, foi criado o Conselho Geral da Tribo Tikuna (CGTT), a primeira organização indígena de escala local a funcionar no Brasil. Através desta organização, os Tikuna articularam sua vigorosa luta pela autodeterminação e pelo reconhecimento dos seus direitos territoriais, assim como as questões vinculadas à saúde e à educação.

Três anos mais tarde em 1985, através de um projeto do Ministério da Cultura no qual participavam pesquisadores do Museu Nacional (UFRJ), os Tikuna editaram *Torü Duiü'ügü* ("Nosso Povo"), um livro que contava sua "história verdadeira" através dos seus mitos e com suas próprias ilustrações. Na contracapa, dois dos fundadores do CGTT explicavam a importância desta obra:

Dentro deste livro os Ticuna vão encontrar as histórias dos antigos, do tempo passado. Está aí a história de Yo'i e do Ipi. Como eles criaram o povo Magüta, que foi o povo do princípio do mundo. O povo que estava aqui antes

mesmo do branco existir [...] A gente nunca teve um livro assim antes. Aqueles que irão estudar nele deverão acordar, deverão saber por que ele foi feito. O livro saiu porque nós estamos renascendo. Foi bom porque foi feito por nós mesmos. Hoje os bisnetos, os novos, vão ver que os Tikuna têm razão de existir, porque neste livro aparece onde está a terra imemorial, o local sagrado, o local da nossa origem. Onde Tikuna nasceu, aí ele tem de ficar. O livro vai ser bom pra gente lembrar, pra gente lutar pra ser dono de novo da terra (Pinheiro e o Manoel, 1985: contracapa).

O povo Tikuna lutava pela própria terra, que foi tirada à força, com violência e até várias pessoas morreram pela causa. O povo Magütagü, já existiam antes mesmo dos colonizadores brancos; os Tikunas viviam há muitos anos na região.

O processo de delimitação das terras Tikuna experimentava avanços e retrocessos. Em 1986, foram reconhecidos apenas quatro territórios pequenos, próximos à cidade de Benjamin Constant. Apesar de ter sido uma conquista, tratava-se de espaços conflituosos onde a população indígena era menor do que em outras áreas, e onde também viviam numerosas famílias de madeireiros e posseiros que se recusavam a sair de lá (Pacheco de Oliveira, 1996). Nesse mesmo ano, algumas lideranças do CGTT viajaram para Brasília, com o objetivo de discutir com a Funai a demarcação das áreas chamadas Évare I e II, consideradas pelos Tikuna como seus territórios tradicionais, e onde moravam aproximadamente 80% das suas comunidades.

Paralelamente, uma equipe de pesquisadores do Setor de Etnologia e Etnografia do Museu Nacional (SEE/MN), sob a coordenação de João Pacheco de Oliveira, criou o Magüta: Centro de Documentação e Pesquisa do Alto Solimões (CDPAS), com o apoio das lideranças indígenas. Chamado geralmente "Centro Magüta", foi constituído como uma entidade civil sem fins lucrativos, cujo objetivo principal era promover iniciativas que permitissem a divulgação e o fortalecimento da cultura Ticuna (ABA 2009)¹⁰. Foi instalado numa pequena casa em Benjamin Constant, tornando-se

¹⁰ Até 1992, a Diretoria do Centro Magüta foi constituída por não índios, tendo como presidente a João Pacheco de Oliveira. A partir das eleições daquele ano, passou a ter uma Diretoria mista. O capitão geral Pedro Inácio Pinheiro ameaçou retirar a sua candidatura se Pacheco de Oliveira não fosse incluído nela como vice-presidente, justificando este pedido em função da "necessidade de assinatura de muitos papéis". Veja-se Pacheco de Oliveira (2012a:214); também Bruno (2002:12 apud Paladino 2006:83). A partir de 1996, a Diretoria seria composta unicamente por indígenas.

"um local de articulação entre as lideranças indígenas em suas passagens pelas cidades" (Pacheco de Oliveira, 2012: 207).

Através do Centro Magüta, ainda em dezembro desse ano, foi criada a Organização dos Professores Tikuna Bilíngue (OGPTB) com o intuito de realizar cursos de reciclagem e formação de professores. Dirigida pelo Tikuna Nino Fernandes, nas sucessivas reuniões foram se discutindo os critérios que orientariam essas escolas: deviam ser dirigidas por eles próprios, sem a intervenção dos professores brancos.

Devido à resistência de madeireiros e posseiros ("Patrões") para sair das quatro pequenas áreas indígenas já demarcadas, em 25 de março de 1988 a Funai começou a divulgar, através da rádio local, as instruções para esses invasores comparecerem nas sedes locais da agência indigenista e apresentarem a documentação necessária para, caso tivessem feito benfeitorias nessas terras, receberem as indenizações correspondentes. Houve desacordos com os montantes dessas indenizações, e os funcionários da Funai foram ameaçados; entretanto, a reação mais violenta foi dirigida contra os Tikuna. Um antigo "patrão" que, conforme as disposições da Funai, teve que retirar sua mercadoria desses territórios, mandou atacar por meio de 20 dos seus empregados, e com a cumplicidade de comerciantes e políticos locais, a um grupo de Tikuna conformado por homens, mulheres, idosos e crianças que vinham em procissão religiosa. Os atacantes assassinaram 10 deles, enquanto outros 23 foram feridos¹¹. Apesar da magnitude dessa carnificina, os Tikuna tiveram que lutar para que as autoridades reconhecessem o crime e prendessem os assassinos¹². Esse ataque ficou tristemente conhecido como o "Massacre do Capacete", e teve repercussões tanto nacionais quanto internacionais.

As provocações e as agressões contra os índios tinham chegado a um nível de acirramento extremo, tornando-se necessário implementar "mecanismos eficientes de reversão" (Pacheco de

¹¹ O "patrão" era Oscar Castelo Branco. A respeito deste massacre, vejam-se Pacheco de Oliveira (1988), Souza Lima (1991), CEDI (1991:243-248), Fernandes (2011).

¹² Uma vez na prisão, foram soltos em menos de 30 dias, esperando o julgamento do processo em liberdade. Finalmente, em 7 de junho de 2001, 13 anos depois do massacre, os assassinos foram condenados de 20 a 25 anos de prisão. Veja-se <http://pib.socioambiental.org/es/noticias?id=3138>. Acesso em 25/03/2014.

Oliveira 2012a:210). Foi assim que se começou a projetar, no Centro Magüta, a criação de um museu sobre a cultura Tikuna: uma instituição e/ou instrumento "branco", mas ajustado às suas necessidades, e orientado por sentidos definidos por eles¹³.

Para tal fim, na frente do terreno do Centro foi construída uma casa simples de alvenaria; não obstante, naquele ambiente adverso de 1988, só foi possível inaugurar uma biblioteca, "que dispunha de livros, revistas e xerox com uma ampla documentação sobre os Ticunas e a região do Alto Solimões" (Pacheco de Oliveira 2012a: 210). Única nessa região, ao longo do tempo essa biblioteca foi reunindo literatura e registros visuais sobre o povo Ticuna, a documentação histórica produzida sobre as lutas desenvolvidas pelo CGTT, e a história da região do Alto Solimões. À biblioteca chegavam professores e estudantes das escolas da rede pública que, vencendo seus preconceitos, conseguiam se aproximar do Centro para suas pesquisas escolares (Bessa Freire, 2003; ABA, 2009; Pacheco de Oliveira, 2012a; Magüta, 2014).

Para tanto, apresentando o Museu e o Centro como algo inseparável, em 1994, o capitão geral Pedro Inácio Pinheiro, dirigente do CGTT, expressava:

O Museu do Centro Magüta é importante para nós, porque nele vai ficar guardada a cultura do nosso povo, para o futuro dos nossos filhos e netos. É importante, também, para os brancos conhecerem nossa arte, nossa ciência, para compreenderem que os Ticuna são gente que tem história, que tem cultura, que tem sua própria língua, como qualquer outro povo que existe no mundo. Para os Ticuna, o Centro Magüta é como a nossa terra sagrada, o Evaré (apud Benzi Grupioni 1994: 270)

Os Contatos com Missões Religiosas e Igreja em Mecürane

Segundo Erthal (1998), todo trabalho econômico na região norte do Brasil foi determinado desde o século XVII consistia sobretudo na ocupação efetiva das terras e do aproveitamento de mão-de-obra indígena, uma e outra conquistada tanto pelo assentamento das primeiras colônias permanentes ao redor das missões religiosas e dos fortes, quanto pelas excursões e apresamento de índios. A intensa utilidade da mão-de-obra indígena, mesmo que mais econômica em relação à importação de escravos negros, foi diminuída devido às altas baixas de mortalidade e o permanente

¹³ Veja-se a notícia sobre os preparativos em "Um museu para fortalecer identidade Ticuna" (CEDI 1991:255-256), apresentando-o "como parte das atividades do Centro Magüta".

desequilíbrio entre as necessidades de novos braços e a capacidade em manter em um ritmo de captura continuado.

Oliveira Filho (1977) chama a atenção para o fato de que a análise da ocupação da Amazônia no sec. XVII até meados do sec. XVIII deve ser realizada levando em conta a sua inclusão em uma unidade político-administrativa mais abrangente que era composta pela capitania do Maranhão e Grão-Pará. A necessidade do controle da mão-de-obra indígena envolvia em um intenso debate a colonos, religiosos e agentes do Estado em torno das leis reguladoras do tipo de escravidão permitida, composição e regularidade das tropas de resgate, administração dos índios escravizados, etc. A coroa portuguesa oscilava entre acusações mútuas de colonos e jesuítas, acerca das intenções explícitas ou não de cada um, em relação aos índios. Os religiosos imputavam aos colonos a rápida depopulação indígena, causada pela escravização e maus tratos, e estes, por outro lado, acusavam os jesuítas de usarem os indígenas em seus próprios negócios.

Erthal (1998) afirma que apesar dos conflitos, a ação de "pacificação" (que na verdade significava a liberação de terras e obtenção de braços para o projeto colonial) tornou-se cada vez mais necessária. Várias Ordens e Congregações religiosas deslocando-se desde a foz do Amazonas estabeleceram aldeamentos até o rio Solimões, onde contiveram o avanço dos espanhóis e alargaram os limites colocados pelo Tratado de Tordesilhas.

O crescimento das missões religiosas, e os relatos das expedições ao Alto Solimões, difundiram notícias sobre as possibilidades de exploração econômica das "drogas do sertão", que passaram a ser, junto ainda com o apresamento de índios, preocupação das Tropas de Resgate. Segundo Nimuendajú (op.cit), o Alto Solimões se transformou em um campo de batalhas entre portugueses e espanhóis, sendo que os primeiros estabeleceram suas missões a partir do baixo Solimões até Tefé, e os espanhóis estenderam a caça aos escravos índios pela parte alta do rio. A partir da primeira década do sec. XVIII, várias batalhas ocorreram neste cenário, em torno do controle da mão-de-obra indígena e dos marcos de limites das posses de Portugal e Espanha.

Embora que já terem sido catequisados desde 1683, os Magütagü foram protegidos, num primeiro momento, pela sua localização no alto dos igarapés, adentro das florestas. Como resultado mais imediato das disputas territoriais, os Omágua praticamente desaparecem das ilhas do Solimões, permitindo o acesso dos Tikuna à sua margem esquerda. Os Omágua ocupavam as ilhas e a margem esquerda do Solimões e eram originalmente superiores em número, território ocupado, habilidades militares e tecnologia, desconhecendo os Tikuna, inclusive, o fabrico e manejo de

canoas. O enfraquecimento crescente dos Mayoruna, também seus inimigos, que controlavam a margem direita do rio, facilitou a expansão dos Ticuna ao longo da beira e das ilhas do Solimões.

Oliveira Filho (1977) ressalta o aspecto econômico das missões religiosas e o controle que exerciam sobre os agentes sociais presentes na região, na medida em que atuavam como importantes empresas comerciais, reunindo os índios em aldeias, introduzindo técnicas de trabalho, disciplinando e controlando a distribuição da mão-de-obra entre os colonos e o contato dos índios com os regatões e, mais ainda, viabilizando, através da atividade econômica regular, a exploração das drogas do sertão com fins de exportação.

Alguns textos reforçam a ideia da missão tanto como "centro por excelência de destribalização e de homogeneização deculturativa" dos índios reunidos em aldeamentos de catequese, quanto das missões jesuíticas do sec. XVIII como exemplo da linha pragmática implementada pelos economistas da Companhia de Jesus, que após a morte do Padre Antônio Vieira (com uma vocação "utópico-missionária"), reforçaram o caráter "empresarial" das missões jesuíticas. Na primeira metade do sec. XVIII a ação dos jesuítas se irradiou pela Amazônia, em áreas puramente indígenas e sem a interferência de agentes oficiais e de colonos, ampliando as fronteiras de Portugal na Amazônia, na direção das cabeceiras do Rio Madeira, Negro e Solimões (Moreira Neto, 1988).

A violência que perpassou os primeiros contatos, os descimentos e a organização das missões pôde ser detectada nos diversos modos como atingiu às populações indígenas. O desaparecimento de um número considerável de povos indígenas, em uma região aparentemente pouco transformada pelo contato interétnico, assume mesmo a feição de um processo de extermínio:

"Das aldeias, que as margens do Amazonas ofereciam à vista do seu primeiro descobridor, talvez nem uma só povoação moderna lhes marque o lugar. As cento e cinquenta tribus, que então existiam nessas paragens, desapareceram todas. (...) A raça experimentou, é certo, a transformação devida aos cruzamentos, mas o extermínio foi a razão principal que a sumiu" (Azevedo, 1930:380).

As missões se estenderam bastante, possuindo só os jesuítas em 1696 cerca de onze mil índios convertidos, cifra que se elevou para mais de vinte e um mil, divididos em vinte e oito aldeias, por volta de 1730, não existindo dados similares para as vinte e seis aldeias franciscanas

então existentes e para as duas outras ordens (Boxer, 1969: 302). Em 1750 todas as ordens religiosas englobavam, em sessenta e três aldeias, uma população de cerca de cinquenta mil almas (Boxer, 1969: 302). (PACHECO: 2015, pg.54).

Depois de séculos de presença de missionários católicos no Solimões, os protestantes apareceram na segunda metade do século XX. A igreja na comunidade Mecürane foi fundada pelo missionário americano Eduardo, no ano de 1972, e deu um nome em português para aldeia: “Vila Betânia”, como até hoje ficou conhecida; de fato, este nome é registrado e dessa forma aldeia é mais conhecida com esse nome. Mas a comunidade já tinha nome, os Tikunas já estavam lá antes da chegada dos missionários e os indígenas a chamavam de Mecürane, respectivamente clã de Mutum. O missionário americano Eduardo fazia os cultos no domingo, com povo fazendo oração e agradecer a Deus. Com isso “inconscientemente” o povo foi deixando de lado os costumes, sem perceber foram perdendo costumes tradicionais.

A comunidade Mecürane, foi crescendo de pouco a pouco, com pessoas vindo de Belém de Solimões, Vendaval e Campo Alegre, outras comunidades Tikunas, atrás da palavra de Deus, como dizem os Tikunas. Com o pensamento colonizado, o povo viu que é bastante importante seguir a palavra de Deus, mas a presença dos missionários, causou problemas, que o povo não viu ou não quisera ver. A “igreja” ou “missionário”, de certo modo, proibem “silenciosamente”, como proibições de práticas de cantos, ritual da moça nova, canto do pajé e a prática do xamanismo, com isso fazem conversão de pajés para serem pastores ou diácono com intuito de reprimir suas práticas de cura tradicionais. O papel da igreja na comunidade Mecürane, então, é converter, desde que foi fundada na comunidade até os dias atuais. Me lembro da entrevista da No’ê Tchiã’tchina que diz:

“Meu neto, sabia muito das nossas histórias, tradições e músicas do nosso povo. Deixei de lado, por causa da palavra de Deus, pois só ele pode nos salvar. Antigamente, cantava músicas dos rituais, passava horas cantando, músicas das crianças e entre outros” (2017)

Como podemos ver, na entrevista da anciã Tchiã’tchina, ela deixou de lado, os costumes e as cantorias, por causa da palavra de Deus. Esse é, para mim, um dos objetivos das igrejas até hoje. Na comunidade Mecürane alguma parte da população foi convertido com a ideia de pagar seus pecados (seria quebras de regras clânicas, o xamanismo, o ritual e os cantos ritualística que eram e são considerados como atos que não seja de Deus) para assim terem as suas almas salvas (os missionários doutrinaram essa parte da população falando de que só Deus pode salvar suas almas,

como descrito na Bíblia Sagrada), eles sabem também, porque hoje em dia, tem Bíblia Sagrada traduzida na língua e os pregadores da palavra são próprios Tikunas, isso segundo a minha pesquisa na minha comunidade. No entanto, o impacto na atualidade é visível para gerações atuais, apesar de que os cantos e rituais não são praticadas como antigamente em Mecürane a população, não que eles não acreditam na palavra de Deus, simplesmente dizem que ainda são do “mundo”, fazem coisas erradas, como beber (*bebida alcoólica*), segundo um interlocutor. Por um lado, nas escolas são ensinadas, desde crianças, desde as suas primeiras series de estudo até o ensino médio, ensinam a língua Tikuna, como forma de preservar a nossa cultura, mas que isso não é suficiente, para preservação das nossas culturas em geral, pois muitos conhecimentos tradicionais vão se perdendo, e isso é ruim para gerações futuras.

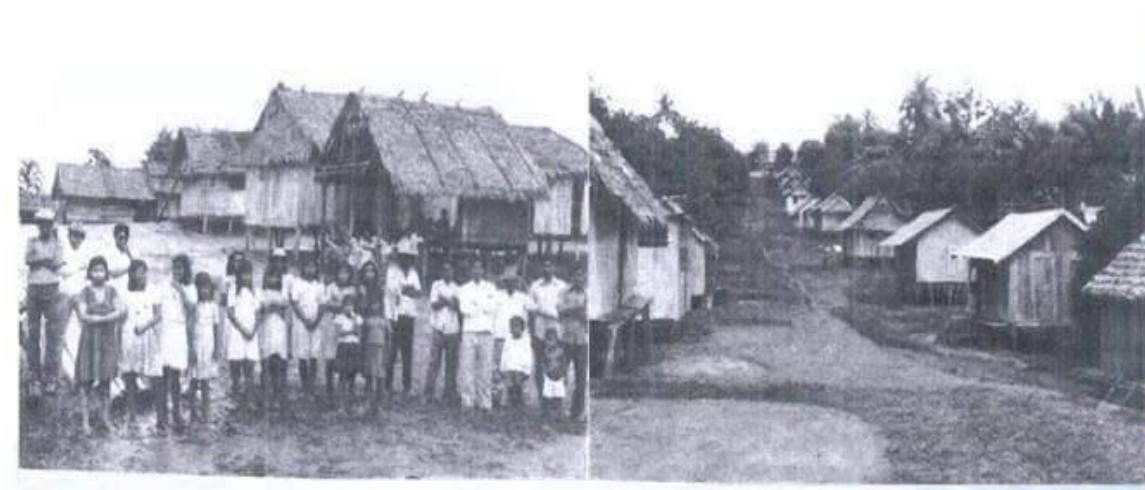


Foto 5: Comunidade Vila Betânia – Mecürane no ano 1972, os Tikuna na aldeia.

Fonte: Igreja Batista Regular de Vila Betânia

Um dos problemas de não transmitir os conhecimentos tradicionais, terá um impacto muito grande, pois gerações futuras, não saberão, como eram os costumes e os rituais do povo antigamente. Como hoje em dia, na comunidade Mecürane, não é mais praticada rituais de Moça Nova, pois o problema foi que, os mais velhos da comunidade não praticavam e não foram ensinadas aos filhos (*mas eles não tiveram culpa nessa história, pois foram eles que sofreram mais a colonização*) e com isso geração atual, não dão muita importância para os costumes antigos. Mas mesmo assim, não praticando o ritual, não deixam de ser indígenas Tikuna.

O Povo Magüta: A origem do mundo e dos Tikuna

Uma pergunta que ninguém sabe responder ou a resposta é: Como surgiu o mundo? Mas isso não quer dizer ou não significa que não houveram tentativas de explicar o que aconteceu. Se formularam diversas teorias, e com isto em mente vou levantar a seguinte questão: Será que alguma delas realmente aconteceu? Inicialmente, falarei um pouco sobre a mitologia cristã.

Dado que a maioria – senão todos – de vocês sabem, Deus criou o mundo em sete dias, sendo que no primeiro ele criou a luz e a separou das trevas. No segundo e terceiro dia, criou os mares, a terra e as plantas. No quarto dia, Deus criou o sol e a lua, para que eles governassem o dia e a noite. No quinto dia criou os seres vivos. No sexto, finalmente, criou a humanidade à sua imagem e semelhança. Todas as espécies de seres vivos tinham uma ligação com as outras e um propósito a cumprir: serem dominados pelo homem. No sétimo dia, Deus descansou.

Detalhadamente, Deus criou o homem a partir do pó da terra e plantou um jardim que ficaria conhecido como Éden. Ao primeiro homem, Adão, então foi lhe ordenado trabalhar e tomar conta do jardim que tinha todos os tipos de árvores e animais, além da árvore do conhecimento do bem e mal, cujos frutos seriam capazes de matar o homem que os comesse. Adão foi apresentado aos animais e então os nomeou, entretanto, não achou nenhum correspondente de sua espécie, por isso, Deus fez com que Adão caísse em um sono profundo para dele retirar uma costela e assim fazer a primeira mulher: Eva. Após essa criação, ambos estavam nus e não sentiam vergonha alguma.

Entretanto, no Éden havia a serpente, um dos animais mais astutos já criados, que conseguiu convencer Eva a comer o fruto do conhecimento alegando que, com isso, se tornariam deuses ao invés de morrer. Eva, então, cede ao desejo de comer o fruto proibido e, como se já não bastasse, ela convence Adão a come-lo também. Ao fazerem isso, notam que estavam nus e procuram por folhas para se cobrirem.

Quando Deus descobre o que havia ocorrido, condena Adão ao trabalho pesado e Eva a sentir dores no parto, fato que se perpetuou para a espécie humana. Além disso, Ele os expulsa do paraíso e põe aos portões do Éden um querubim armado com uma espada de fogo para impedir que os dois voltassem. E assim, o mundo foi criado e a espécie humana foi expulsa do paraíso.

Os meus avós contam que a mil anos atrás, o Deus Ngu'tapa criou gente a sua própria imagem. Acredita-se que os deuses “sempre não tinham esposas”, mas segundo os anciãos, o Deus Ngu'tapa já tinha criado homem e mulher. Mas que para Ngu'tapa ainda não estavam preparados para ficarem juntos, pois o mundo ainda estava se formando. Os pássaros e animais estavam se

criando também, cada um com os seus parceiros, para poder se reproduzir e aumentar e crescer no mundo.

Para iniciar a falar um pouco sobre a origem do mundo, dos Magütagü precisei ir atrás da Dona Pascoa (*Tchiã'tchina*, clã de mutum) que me foi sugerida pelo meu pai e minha tia (meu pai é professor na comunidade e a minha tia também) porque ela contava muito sobre o nosso mundo, a nossa vivencia de antigamente, conhecia as histórias e a vida.

Ao entrevistar a anciã No'ê Tchiãtchina¹⁴ (No'ê, significa avó), fiz perguntas na língua, e ela contou as Histórias antigas, como eram e como surgiu o mundo para povo Magütagü e assim deixei-a à vontade para contar as histórias. Neste caso fui na casa dela no dia 10 de fevereiro às 9 horas da manhã. Chegando na casa, perguntei se ela estava e o filho disse que ela foi para roça, a capinar. E ele pediu para eu voltar no dia 11, sábado, e diz que ela estaria de manhã. No entanto, o filho dela me recebeu carinhosamente e serviu um mingau de banana (era o café da manhã), fiquei ali na casa deles mais ou menos uma hora conversando com ele e a esposa, sobre a vida na cidade e Universidade.

No dia 11 de fevereiro, sábado, voltei para casa da No'ê Tchiãthina, e foi recebido de novo com carinho, dessa vez por parte da No'ê Tchiãthina. Comecei a conversar com ela, e antes mesmo de chegar na frente da sua casa, na hora que eu estava batendo na porta, a Tchiã'tchina diz: “deve ser meu neto” (com isso, ela quis dizer que o me respeita e vai me tratar como família). Em seguida, ela pediu para eu entrar na casa dela e assim começamos a conversar. Antes mesmo de começar a falar sobre as histórias, a No'ê tinha curiosidade da vida na cidade e da faculdade, me perguntou sobre a vida daqui e se eu gostava. Respondi com sinceridade, e eu disse: “tive que me adaptar com a vida e com os custos de vida na cidade, e não foi fácil chegar aqui”. Continuei contando e falando os motivos pelos que estou na cidade estudando, então disse que com os estudos poderemos nos fortalecer, registrar nossas vidas antigas, e vivencias de hoje, escrever memorias antigos do nosso povo. Com isso a No'ê ficou animada e me perguntou se queria saber sobre a origem do mundo do povo Magütagü. Eu disse que sim, e falei que foi por um dos motivos que fui falar com ela. Antes mesmo de iniciar a entrevista, a No'ê me ofereceu café da manhã (mingau de banana), e perguntou

¹⁴ No'ê: quer dizer vovó, e Tchiã'tchina, o nome indígena da Dona Pascoa, que quer dizer “A que se silencia”, ou seja, umas das características do Mutum, quando ele canta, pois ela pertence clã de Mutum.

se ainda gosto. Ela me perguntou rindo, e eu disse que sim, e que é, o que mais sinto falta na cidade disse. Eram umas nove e meia da manhã. Então, para entender e saber mais sobre o meu povo comecei e entrevistar, gravei as entrevistas na língua Tikuna, mas aqui vou escrever traduzido por mim em português. Deixei-a livre para contar a história:



Foto 6: Pascoa Antônio Marcos – Tchiã'tchina rü Tchicuna (Clã de Mutum), narradora da História dos Magütagü. E eu, Iury Felipe, depois da entrevista.

Fonte: Iury Tikuna (2017)

Tapü'cü: Como era origem do mundo dos Tikunas, No'ê, vovó? E como surgiu o povo Magütagü e seus costumes antigamente? **No'ê Tchiã'thina:** Deus Ngu'tapa pensou para que o homem e a mulher ficassem juntos, para terem filhos e filhas, para o povo se espalhar na terra. As árvores existem há

muitos anos no mundo. Muito antes do início da existência do povo Magütagü. A Samaumeira estava crescendo, e crescendo e assim o mundo escurecia, e escureceu, e então como animais as pessoas começaram a ficar e ter filhos com os próprios irmãos e irmãs, cometendo incesto. Os motivos dos incestos eram porque estava escuro e não se conheciam entre eles. O Deus Ngu'tapa via o que estava acontecendo com seu povo, e se lamentava por cometerem incesto, pois ele os ensinava, todos os dias, fala para o seu povo sobre amar um outro e se respeitar. Mas que isso não aconteceu e o povo do Ngu'tapa foi desaparecendo.

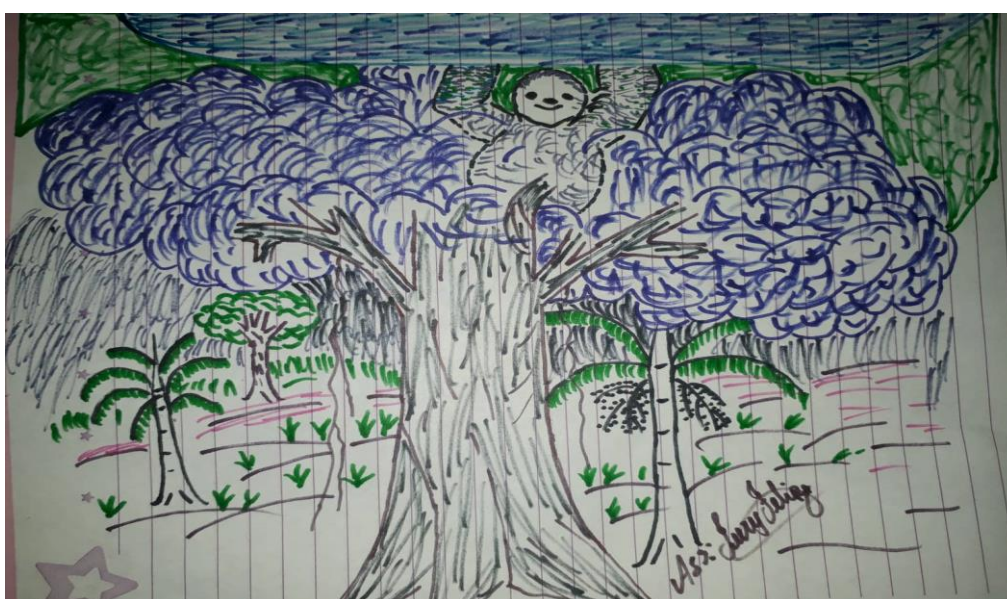


Foto 7: Representação do Watchine/Wone (Samaumeira), com preguiça real grande. O desenho representa o escurecimento do mundo, segundo a narradora da história dos Tikunas. Foi desenhado no dia 25 de junho de 2018, pelo próprio pesquisador Felipe.

Fonte: Iury da Costa Felipe 2018.

O surgimento do mundo Magütagü contém diversas narrativas que envolvem três agentes principais, *Ngu'tapa*, *Yo'i* e *Ipi*. —Antes do mundo existir *Ngu'tapa* já existia. Ele não teve pai nem mãe, *Ngu'tapa* era um ser Üüne' (encantado). E tinha uma esposa chamada *Mapana* (a *Mapana* também era um ser encantada, como esposo), *Mapana* se criou junto com *Ngu'tapa*. No mesmo lugar vivia também, *Bai'a*¹⁵ e sua esposa. *Bai'a* era parente de *Ngu'tapa*. No lugar onde esses quatro

¹⁵ *Bai'a*: É um homem, que se criou junto com *Ngu'tapa* e sua esposa *Mapana*, mulher.

se criaram, é onde ficava a montanha Taiwegüne. É no igarapé *Tunetü* (São Jorônimo). Na época a terra ainda estava se formando. O mato era baixinho e o rio ainda tinha pouca água. Lá eles viviam. Passaram-se muitos anos.

No'ê Tchiã'thina: Ngu'tapa era um Deus que não tinha filho, que se casou com uma mulher, que se criou, junto com ele. Viveram muitos anos juntos. Um dia, quando o mato já estava crescendo, Ngu'tapa foi caçar com Mapana, no caminho Ngu'tapa perguntou a sua esposa porquê ela não engravidava. Ela não sabia o motivo. Então, certo dia pediu a esposa para roçar, limpar a roça, e ele foi caçar como sempre. Quando Ngu'tapa chegou, perguntou se ela fez o pedido, ela o fez, mas não totalmente e então começaram a discutir/brigar. Nesse momento, ele foi ali e voltou, segurou a mulher dele e pediu para ela: “minha mulher vai pegar envira para amarrar”. A esposa obedeceu, mas não imaginava o que ele faria com ela, e que a envira era para ela mesmo, para amarra-la. Um dos motivos foi porque ela não cumpriu o que ele tinha pedido, não limpou direito a roça e também por não engravidar dele pois o Ngu'tapa só culpava ela, mas ele também poderia ser o culpado já que problema pode estar nele também. Então, por essa razão, que eles não conseguiam ter filhos.

Ngu'tapa agarrou sua mulher e lhe deu surra. Depois disso, amarrou Mapana, uma perna num tronco de uma árvore e a outra no outro tronco e a deixou lá amarrada. Aí ele seguiu e foi embora a caçar no mato. Deixou a esposa lá porque o pensamento dele era para ela, morrer, pois não conseguiam ter filhos. Depois que ele foi, veio um cancão, um pássaro, esse pássaro gritou longe: “cou cou cou” (é o canto do pássaro) e ela ouviu. Ela ficou falando sozinha: “se você fosse gente, vem aqui para você desmanchar esse nó, vovó, para poder sair daqui, pois estou bem machucada”. Já tinha caba, formiga, e tinha subido em todo o corpo dela, e os insetos já tinham mordido umas partes do corpo dela. O cancan chegou lá e se transformou em gente, um senhor (que era cancão), chegando mais perto, perguntou: o que lhe aconteceu, minha neta? perguntou por qual motivo que ele fez isso com ela. E ela disse os motivos: “ele fez isso comigo porque não cumpri o que ele tinha pedido e também por não ter engravidado dele”. Na mesma hora, depois de ouvir,

desamarrou as enviras e cuidou dela, pois ela estava muito machucada. E a Mapana pediu opinião do cancã para saber o que fazer para se vingar. O velho cancã disse: “pega uma casa de caba, e aguarde no caminho do seu esposo e você fica na espera dele”, mas que seja, onde ele não possa te ver. Depois disso o cancã se transformou em pássaro e foi embora. Demorou um pouco e Ngu’tapa voltou da caçada. Vinha tocando flauta e pulava numa perna e noutra, cantando: - por onde anda Mapana? As cabas e as formigas morderam periquita dela! Tcheruru tcheruru... Tcheruru tcheruru-u-u-u...¹⁶ – Assim cantava. Mas Mapana estava escondida no tronco de uma árvore, esperando Ngu’tapa passar. Ela escutou esse canto e se preparou. Quando ele chegou, ela jogou a casa de caba em cima do Ngu’tapa e acertou-lhe os dois joelhos. Ngu’tapa caiu e não se levantou mais. Ele ficou ali rebolando com dor e pediu socorro da esposa para ajuda-lo, mas ela não ajudou porque ele tinha machucado muito ela. Deixou-o lá sozinho, até que ele mesmo foi se arrastando para casa deles, pois não conseguiu andar porque os joelhos estavam doendo muito. Chegando na casa, ele não podia andar e ficou deitado na rede com dor, cantando para esquecer a dor, mas não adiantava. Com os dias, os joelhos começaram a inchar e a inchar até ficar bem grandes e transparente. Ele não aguentava mais e chamou uns pássaros que se transformaram em umas senhoras curandeiras e pediu para curarem. Elas conseguiram amenizar a dor. Passaram-se dias e um mês, e o joelho ficou transparente. Em seguida Ngu’tapa olhou nos joelhos, chamou a esposa dele: “mulher vem cá, olha aqui”. Ela viu um homem fazendo flecha, zarabatana e outras coisas, e uma mulher e a outra também, que fazia pacará – cesta -, atura – cesta para carga pesada - rede e etc. Depois de quatro dias saíram dois homens e depois duas mulheres. Eles já eram grandes porque cresciam bem rápido. No entanto, o Ngu’tapa ficou melhor, depois que os quatros nasceram.

Temos aqui, portanto, uma dupla vingança. Primeiro, Ngu’tapa, revoltado com a impossibilidade de sua mulher lhe dar filhos, de não cumprir o pedido, amarra-a na floresta de pernas abertas. Em seguida, depois de liberta, Mapana joga uma casa de cabas nos joelhos de

¹⁶ Tcheruru: É o som que sai da flauta do Ngu’tapa

Ngu'tapa, o que provoca um inchaço, a própria gravidez de seus joelhos. Desta maneira, a vingança de Mapana é engravidar Ngu'tapa, ou melhor, tornar seus joelhos grávidos.

Como vimos, na fala da No'ê Tchiã'tchina, Yo'i e Mowatcha, nasceram no joelho direito, Ipi e Aicüna nasceram no joelho esquerdo, cada um nasceu com um dom. Yo'i e Mowatcha nasceram primeiro, ou seja, são irmãos mais velhos do Ipi e Aicüna. Neste caso, vários objetos que usamos em casa no trabalho são materiais que vêm da floresta. E o conhecimento tradicional foi repassado através de rituais da moça nova. Este que inicialmente foram repassados e ensinados pelo O'i/No'ê Yo'i, Mowatcha, Ipi e Aicüna¹⁷.

Origem do Yo'i e Ipi

Por causa da vingança da Mapana nasceram Yo'i e Ipi no joelho do Ngu'tapa. Ao meu ver, a Mapana é uma heroína também, pois é por causa dela que surgiram e nasceram os heróis dos Tikuna. Por isso que digo que as coisas que acontecem nas nossas vidas, não são por acaso, tudo tem o seu motivo. Aqui No'ê Tchiã'tchina continua narrando a história.

No'ê Tchiã'tchina: Yo'i e Ipi já estão grandes. Outra irmã chamava Mowacha e a outra Aicüna. Os homens já nasceram com dom de fazer flecha para pescar e zarabatana para caçar, e as irmãs já nasceram com dom de fazer redes para dormir, pacará, atura, entre outros. A princípio, estava tudo escuro, sempre frio e era sempre noite. Uma enorme Samaumeira, *wotchine*, fechava o mundo, e por esse motivo não entrava claridade na terra. Os irmãos Yo'i e Ipi ficaram preocupados com a situação e tinham que fazer alguma coisa. Pegaram um caroço de *araratucupi*, *tcha*¹⁸, e atiraram na árvore para ver se existia luz do outro lado. Mas ao fazerem isso, através de um burquinho, os irmãos enxergaram uma preguiça-real que prendia lá no céu os galhos da samaumeira. Jogaram muitos e muitos caroços na árvore e assim criaram as estrelas. Mas ainda não havia claridade. Yo'i e Ipi ficaram pensando e decidiram convidar todos os animais da mata para ajudarem a derrubar a árvore. Mas nenhum deles conseguiu, nem o pica-pau. Resolveram, então, oferecerem a irmã Aicüna em casamento: quem jogasse formigas-de-fogo nos

¹⁷ Vovós Aicüna e Mowatcha são irmãs do vovô Yo'i e Ipi, e os conhecimentos tradicionais nasceram junto com eles, e foram repassados e ensinados por ele. Não por acaso, hoje algumas (ns) avós e avôs sabem ainda os conhecimentos repassados por eles.

¹⁸ Fruta especial, para ver se existia luz do dia.

olhos da preguiça-real, casaria com a irmã dos dois. O quatipuru (esquilo) tentou, mas voltou no meio do caminho e não conseguiu. Finalmente aquele quatipuruzinho – esquilo - bem pequeno, Taine (*Taine é nome dele na língua Tikuna*), conseguiu subir. Chegando perto da preguiça, jogou as formigas nos olhos e a preguiça soltou o céu. No entanto, a árvore caiu e a luz apareceu. Do tronco da samaumeira caída formou-se então o rio Solimões e o rio Içá. De seus galhos surgiram outros rios e os igarapés. Por heroísmo, então, Taine casou-se com irmã do Yo'i, Aicüna. No momento em que, a samaumeira caiu, ficou ainda o toco da árvore, que na língua Tikuna se chama *napiüne*. É a parte que fica na terra quando alguma árvore é derrubada.



Foto 8: Representação do toco da Samaumeira e o Jabuti. Tapü'cü desenhou no dia 25 de junho de 2018.

Fonte: Iury Felipe – Tikuna

No toco da samaumeira, as folhas continuavam brotando. Isso preocupou Yo'i e Ipi, pois a árvore poderia crescer de novo e escurecer a terra. Para evitar que crescesse, colocaram sobre o toco da árvore um jabuti enorme para que ele comesse as folhas. Mas o jabuti não dava conta porque as folhas cresciam sem parar. Para ver porquê, que as folhas cresciam desse jeito, os irmãos chegaram bem perto e puderam escutar um barulho: tutu, tutu, tutu! O que escutaram foi o coração da samaumeira que disse os irmãos: “Ele ainda está vivo”. Ipi, no caso, tentou tirá-lo com o machado, mas o coração pulou bem longe. Uma borboleta pegou o coração, depois o calango e por fim foi parar

com a cutia. A cutia saiu correndo e plantou o caroço do coração. Yo'i foi atrás, procurou, procurou e acabou encontrando o caroço. Levou, então, para plantá-lo no seu terreno. Depois de um tempo, ano, nasceu uma árvore de Umari, Tetchi. Assim surgiu o umari¹⁹ do coração da samaumeira. A árvore estava em tempo botar folhas, flores e frutos. O Ipi cuidava muito dela, varria, capinava – roçar, deixava tudo limpo. Um dia, Ipi foi ver e disse a Yo'i: veja, começou a florar o primeiro olho. Não se preocupe tanto com essa fruta, disse Yo'i. Quando Ipi olhou outra vez, o umari já tinha nascido. As folhas pequenas, quando caíam no chão, viravam sapos pequenos. As folhas grandes viravam sapos grandes. As frutas também começaram a cair. A última delas se transformou numa moça muito bonita, que se chamou Tetchi arü Ngu'i, "a última fruta do Umari". Yo'i levou a moça para ser sua mulher.

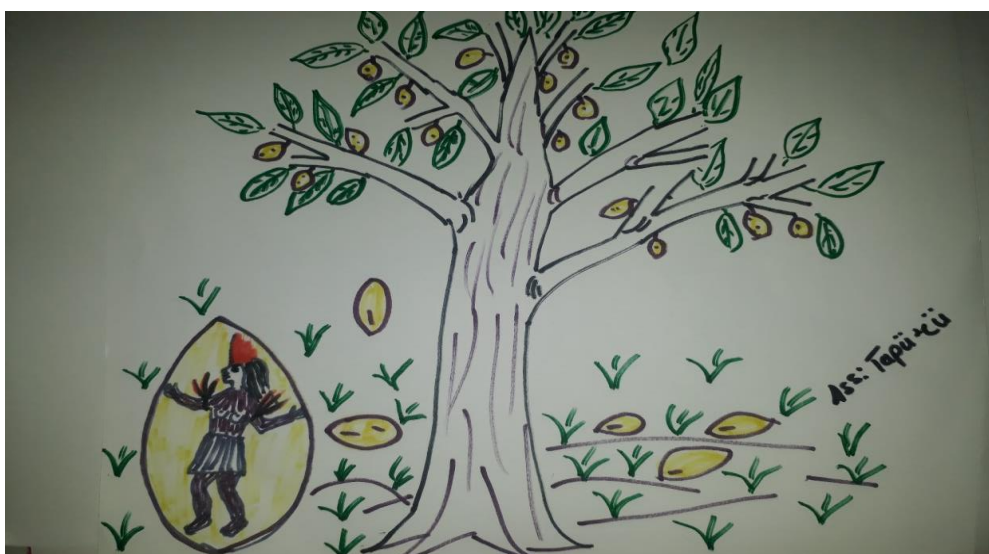


Foto 9: Representação de Umari, Tetchi arü Ngu'i, desenhado por Iury Felipe no dia 25 de junho de 2018.

Fonte: Felipe, I. C. 2018.

Mas que no início, o Ipi queria ficar com a última fruta de Umari, e sempre verificava embaixo da árvore, de manhã cedo, e dizia para o irmão que ela ia

¹⁹ Umari, é uma fruta nativa típica da Amazônia, conhecida popularmente pelo nome de 'mari'. Os indígenas Tikunas chamam de Tetchi.

ser dele. Até que depois de dias esperando que Umari caísse na sua mão, Ipi começou a ter fome, sono e sede. Um dia não aguentou e disse para Yo'i: “mano, acho que vou caçar, porque tenho fome. Quando a fruta cair, vê se não pega. Deixe aí que eu volto a pegar”. Yo'i estava se embalando na maqueira – rede, e de repente o Umari caiu. Ipi ainda estava caçando no mato. Quando Yo'i foi ver, esse Umari era uma moça. Ele foi conversar com ela, era bonita e nova. Por fim Yo'i conseguiu pegar antes do seu irmão, chamava-se Tetchi arü Ngu'i, que quer dizer: “moça do Umari”. Yo'i pegou a moça e levou para casa, para ser sua mulher. Chegando lá, diminuiu a Tetchi arü Ngu'i e escondeu ela, no um flauta de osso. Sempre a escondeu do irmão numa pequena flauta, *woweru*, guardada em baixo da palha da casa. Antigamente as casas eram de palhas, Tchuã²⁰. Quando Ipi chegou da caça do mato já era tarde. Começou a arrumar a zarabatana e foi logo olhar o Umari. E viu que a fruta não estava mais lá e perguntou para Yo'i: “Irmão você viu Umari cair? Ele não está mais aqui. Não foi você que pegou?” “Eu não sei de nada mano, alguém deve ter achado” – respondeu o outro, tentando enganar o irmão. Às vezes, ele ficava brincando com esposa de noite e ela ficava rindo no quarto. Então o irmão perguntava: “Te'ema'ã y cuide'a pa maímamaî rü te'ema ni'î y curü cunaü'ü?” (Com quem você está falando irmão e rindo?), e Yo'i respondeu: “Tawetchigüma'ã mare pa maímamaî rü tchananga'ia” (com a vassoura irmão, e fazendo cócega nela). Isso acontecia cada dia, e o irmão sempre respondia que falava com algum objeto da casa. Certo dia os dois saíram junto para caçar, mas no meio do caminho o Ipi voltou para conferir com quem que o irmão estava falando todos os dias. Ficou fazendo piada, dançava para ver com quem o irmão estava, mas não conseguia, até que decidiu pegar peixinhos e deixá-los no fogo. Ele dizia “tchautaracu na nhenhe” (que queime o meu saco) até que ela não aguentou a brincadeira e ficou rindo. Ele se perguntou onde era que ela estava rindo; procurou, mas não a achava e ele continuou repetindo o que ele estava fazendo. Ela caiu na risada tão grande que conseguiu acha-la dentro do *wowero* (flauta) e quando

²⁰ Woweru: É uma flauta feita de osso de um animal. Tchuã: É uma folha que só existe adentro da mata, com esta folha os Tikuna faziam Îpata - casa (Maloca).

caiu no chão virou uma bela e linda mulher e se apaixonou por ela. Deitou na rede com ela e teve relação com esposa do irmão. Tetchi arü Ngu'i era esposa do Yo'i, mas ficou gestante do irmão dele, Ipi. Mas depois disso, Ipi fugiu por medo do irmão. E com a vergonha, ele apanhou uma fruta chamada na língua *e'ta* – Paxiúba palmeira, para sujar o pinto dele, com vergonha, para o irmão não desconfiar, e voltou para casa bem tarde. Quando Yo'i voltou da caça, a esposa dele já estava grávida. Tetchi arü Ngu'i se defendeu e disse que a culpa não era dela. Mas o Ipi também se defendeu e disse que nada tinha acontecido, ficou nu na frente do irmão para mostrar que não fez nada. Yo'i não gostou disso e ficou chateado com irmão e resolveu castiga-lo. Yo'i disse para o irmão, assim que a criança nascer, você irá buscar jenipapo, e, é para pintar o menino. E no fim, o bebe nasceu e Yo'i pediu para o irmão pegar jenipapo. Vá apanhar fruta de, E' – jenipapo depois rale e pinte seu filho. Se o filho fosse meu, não seria assim. Tetchi arü Ngu'i não iria sofrer tanto, não derramaria tanto sangue, não doeria. Mas você é doido, por isso nosso povo vai sofrer a dor. Por sua causa, agora vai ser tudo diferente, disse Yo'i. O bebe nasceu né. Ipi foi procurar jenipapo para pintar o corpo da criança. Para castigar o irmão, Yo'i mandou os jenipapos para longe (Yo'i é Üüne, ser encantado e tem poder). Ipi andou muito atrás de jenipapo e sua esposa ficou em casa passando fome. Yo'i não lhe deu nada para comer e beber (estava muito chateado com os dois). Ipi voltou sem as frutas, perguntou a Yo'i onde encontra-las: Vá lá na nossa capoeira que tem muito – disse Yo'i. Quando Ipi subiu na árvore, ela começou a crescer, crescer, quase alcançando o céu. Ipi sofreu muito, mas por fim conseguiu apanhar um bocado de jenipapo. Para descer da árvore era difícil, pois estava em volta umas orelha-de-pau, por isso, ele não conseguiu descer da árvore. Então, esperou o jenipapo amadurecer para poder descer. Aí, cavou um buraco na fruta e se transformou em *to'ü* (formiga) para poder descer, no fim conseguiu. Yo'i pediu ao irmão dele, Ipi, para ralar a fruta. Mas ante pediu para pegar folha de ngu para ralar em cima. Ipi começou a ralar, ralar, ralou e perguntou três vezes se precisava ralar mais: “Nhetaerata pa maîmamaî?” (até onde irmão?); “ye'arata” (“rala mais”) disse Yo'i. Continuou ralando, ralando e perguntou de novo, é a quarta vez que ele pergunta: Ele já estava ralando o braço dele mesmo. O jenipapo tinha acabado. Aí perguntou para Yo'i: “Nhetaerata pa maîmamaî?” irmão,

irmão, onde eu vou parar? Ainda tem Yo'i disse: "Gugutaütcha" ("continua"). Então Ipi gritou com dor e ralou seu próprio corpo. E Yo'i pediu para Tetchi arü Ngu'i tirar preparar a massa do jenipapo e botar no bure (cesto), sem perder nem um pedacinho. Com esse jenipapo ela pintou seu filho e depois foi até o porto para jogar a borra na água do igarapé Eware. E Yo'i disse que ia trabalhar para fazer uma cerca. E disse que, tudo isso era pedaço do Ipi que você jogou na água – disse Yo'i para a mulher. Todo dia Yo'i olhava para ver se tinha alguma coisa na cerca do igarapé. Depois de um tempo, essa borra apareceu transformada em peixinhos, piracema, na cerca, bem pequeninhos, e Yo'i sabia que Ipi iria aparecer também e queria pesca-lo. E ficava todos os dias sentado no porto à espera do Ipi

Assim começou a história da origem do povo Magütagü, que por sua vez já vieram por causa da carne do Ipi e com parte de caroços de jenipapo, ou seja, os Magütagü derivam da junção da carne do Ipi que se transformou em peixe com o caroço de jenipapo, então acreditamos que somos descendentes do pai Ipi, peixe que virou gente. Então, desta forma, Magütagü quer dizer "povo pescado", que é a nossa autodenominação e que foi pescado pelo avô Yo'i.

Origem do povo Magütagü

De acordo com os anciãos, a origem dos Magütagü, mas conhecidos como Tikuna, veio na junção da carne do Ipi e o jenipapo. Os irmãos Yo'i e Ipi são dois heróis da nossa cultura Magüta. Nossos avôs nasceram do joelho do deus encantado Ngu'tapa, e esses dois irmãos criaram ou pescaram pessoas, animais e também ensinaram aos Tikunas como fazer suas festas, suas pinturas e como deveriam casar entre si. Seguimos, narradora Tchiãthina:

No'ê Tchiã'thina: Yo'i pescou o povo no igarapé Eware, que é um local sagrado e encantado para os Magütagü, nosso povo neto. Em casa, Tetchi arü Ngu'i sempre se lamentava com seu filho: Tenho muita saudade do teu pai Ipi. Quando ele estava vivo nada nos faltava. E sempre tinha comida em casa. Pois seu tio Yo'i nunca traz comida direito para a gente comer. Yo'i, quando ia para casa, se disfarçava, ficava bem pequeno e por isso escutava tudo o que a Tetchi dizia. Então, resolveu perguntar a ela: Você tem muita saudade do Ipi? Ouvi que você estava falando nome dele. Eu não falei nome do Ipi. Falei que queria cantar o seu nome, Yo'i – disse Tetchi arü Ngu'i. Nada, você falou o

nome do Ipi – continuou Yo’i – se você falou mesmo nome dele, amanhã nós vamos pegar uma vara de anzol para pesca-lo. No dia seguinte, foi até o igarapé para ver se os peixinhos já tinham aparecido. Viu muito peixinhos de piracema. Tetchi arü Ngu’i também estava ali. Yo’i queria pescar aqueles peixes para que eles se transformassem em gente. Queria pescar seu povo. Foi então buscar uma fruta de tucumã para usar como isca. Mas com a fruta de tucumã ele não conseguiu pescar gente. Os peixe se transformavam em animais, quando caíam na terra, viravam animais: queixada, porco do mato, anta, veado, caititu entre outros, cada um com seu par, fêmea e macho. Então Yo’i pensou que para pescar gente ele precisaria arranjar uma outra isca. Yo’i usou isca de macaxeira, e com essa isca os peixinhos se transformavam em gente. Yo’i aproveitou e pescou muita gente. Assim pescou muita, muita gente. Seu irmão, porém, não apareceu entre esse pessoal. Yo’i estava querendo pescar o irmão, mas não conseguia, perguntava de cada pessoa: “você viram o meu irmão Ipi?” E elas respondiam que sim, que estava vindo atrás (Ipi era um peixinho especial, com macha de ouro no nariz). E Yo’i sabia que era ele. Tentou pescar o irmão, mas Yo’i não conseguia pescar, pois Ipi não pegava sua isca, então, Yo’i disse, tome o anzol, entregou o caniço para Tetchi arü Ngu’i e ela conseguiu fisgar um peixinho que tinha uma mancha de ouro na testa. Era o Ipi. Ipi saltou em terra, se transformou na pessoa que ele era, e o irmão pediu para pescar o povo dele. Depois que virou gente Ipi disse: Lá embaixo de onde eu venho tem muita mina, muito ouro. Eu quero voltar para lá. Está bem, mas agora você vai pescar o seu povo – disse Yo’i. Pediu que ele pescasse com banana, pegou o caniço e pescou, mas foi cacetando o que ele pescava e o irmão disse “Gugutaütcha”. Continuou pescando e pescou os peruanos e outros. Esse pessoal foi embora com Ipi para o lado onde o sol se põe. Da gente pescada por Yo’i descendem os Tikuna e também outros povos que rumaram para o lado onde o sol nasce, inclusive os Tcho’ügü rü Wawegü (brancos e os negros). Do resto da borra do jenipapo, Yo’i pescou os negros. No entanto, depois da pescaria estavam todos juntos. Yo’i então, resolveu virar o mundo, porque ele queria ficar para baixo, para o lado em que sol nasce.

O jenipapo é muito importante na nossa cultura, porque a pintura com jenipapo protege a vida das pessoas contra doenças e outros males. Por isso, quando uma criança nasce, seu corpo é pintado para ter proteção e seguir a tradição iniciada e ensinada pelos nossos heróis. Quando a criança fica um pouco maior, seu corpo é novamente pintado durante a festa. No caso da menina, quando fica moça, ela recebe uma pintura com jenipapo na sua festa de iniciação worecû – Moça Nova. Nessa mesma festa, todos os participantes pintam o rosto com jenipapo: crianças, jovens, adultos e velhos. A pintura do rosto do participante serve para mostrar o clã de cada pessoa para saber qual família pertence.



Foto 10: Foto de obra que está em exposição no Museu Magüta. Por Guilherme Noronha

Representação do mito de Origem dos Tikuna.

Origens dos Clãs

Há quinze clãs Magüta ou mais, e cada um pertence a uma nação (*Na'cüã*) ou clã (nação é o modo de que o meu povo traduz em português). Antigamente todos estavam misturados, as pessoas não tinham nome, não tinham clãs, não sabiam quem era quem. Por isso não podiam se casar e, conseqüentemente, ter filhos, pois temiam a união entre nações proibidas. O pai Yo'i ficava muito triste com isso e pensava no que poderia fazer pelo seu povo, pois dessa forma, caso ele não fizesse, logo o povo dele desapareceria da terra.

Os Tikunas são organizados em diversos clãs, que são divididos entre os clãs “com pena” e os “sem pena”. De acordo com a narrativas da No'ê Tchiã'tchina:

Tchiã'tchina: Ipi não viu a hora que o irmão fez essa virada. Se foi pensando que seguia para baixo. Quando viu que estava no lado de cima, já não podia

mais voltar. Eles foram embora mesmo depois da festa. O pessoal da festa disse: Agora já não tem mais Yo'i nem Ipi no Eware. Um dia, Yo'i pensou como poderia fazer para que cada pessoa tivesse seu/sua clã, nação. Até naquele dia existia uma única nação e as pessoas não podiam se casar entre elas. Ele já sabia como fazer, mas perguntou a Ipi. Ipi também já sabia e logo foi dizendo: então, meu irmão, vamos matar uma jacarerana para conhecer a nação do pessoal? Yo'i concordou e logo acharam e mataram uma jacarerana. Cortaram em pedacinhos, colocaram no pote bem grande para ferver. Quando já estava cozido, chamaram o pessoal para beber, ele deu um pouco para cada pessoa. Numa colher de madeira, Yo'i dava a cada pessoa um pouco daquele caldo. Os primeiros que tomaram receberam clã de Onça. Cada pessoa que bebia ia embora, ficava longe dos outros. Depois da onça, veio a de saúva. Yo'i fazia a seguinte pergunta: “Qual o sabor ou gosto do caldo, minha filha (o)? E então a pessoa respondia que tinha gosto de Mutum, Arara, Maguari, Japu, Tucano, Urubu Rei, Gavião Real, Galinha, Periquito, Jenipapo, Onça, Avaí, Saúva, Acapu e Buriti, entre outros. Assim que o povo respondia que gosto tinha, ele já classifica em duas partes, já que você é clã de Mutum que é pássaro, será pertencente da família aves (com penas), e assim ele classificou o povo. Uma parte da família pertencente à família plantas (sem penas), moraram do lado que o Yo'i mora e outra família com Ipi. No entanto, beberam até que todos se criaram todas as nações que existem hoje.

E então deste momento já não havia mais o risco da união entre nações proibidas, pois todos sabiam a que clã pertenciam e que as nações de Avaí, Jenipapo, Saúva, Buriti e Onça (que pertencem as nações de frutas e mamíferos) só podiam se casar com pessoas que pertencessem as nações de penas (Pássaros), como Maguari, Mutum, Arara, Japu, Tucano, Urubu rei, Gavião Real, Galinha e Periquito. Desde então, as pessoas se casaram e multiplicaram.

Os outros que coloco aqui, alguns não existem mais, isso por causa da colonização e matança na época das chegadas dos seringueiros e madeireiros. Eles os enfrentaram e foram escravizados, morrendo por doenças contagiosas, febre e outras, que este povo não estava preparado. Os que sobreviveram são os clãs que cito aqui, que fugiram e se esconderam nas cabeceiras dos igarapés.

No entanto, as origens dos clãs (nações) vieram do caldo da jacarena (jacarena de pescoço vermelho, *Ngiri*, como é mais conhecido pelo povo, na língua Tikuna) que foi pensado pelo pai Yo'i e Ipi, para o povo não desaparecer da terra. E é, uma regra estabelecida, pelo Yo'i e Ipi, desde então “seguida” pelo povo. A regra não está escrita, mas os mais velhos “sempre” repassavam para os filhos (as), para que se casassem com a pessoa certa, ou seja, que não seja a pessoa da mesma “família”.

Organização Social Magütagü e Casamento

A sociedade Magütagü está dividida em metades exogâmicas²¹ (só se pode casar com um membro da outra metade) não-nominadas, cada qual composta por clãs. Estes grupos clânicos patrilineares (isto é, o pertencimento ao clã é transmitido de pai para filho) são reconhecidos por um nome que é geral a todos, *Na'cûa*. Em português, os Magütagü traduzem por nação.

O conjunto de clãs ou nações identificadas por nomes de aves forma uma metade, enquanto as demais, identificadas por nomes de plantas, formam a outra. Mesmo os clãs Onça e Saúva, um mamífero e um inseto, são associados à metade “Planta” por razões descritas na história do Magüta. A condição de membro de um clã confere a um indivíduo uma posição social, sem a qual não seria reconhecido como Tikuna. Cada clã Tikuna é constituído por outras unidades, os subclãs. Nesse sistema social, cada indivíduo pertence simultânea e necessariamente a várias unidades sociais (metade exogâmicas, clã e subclã), uma vez que elas estão contidas umas nas outras.

Metades Plantas (Sem penas)

| Clãs | Subclãs |
|----------|--|
| Avaí | Aru (Avaí grande) Aru (Avaí pequeno) |
| Jenipapo | E'cûa' (Jenipapo) E' Waitchicü (Jenipapo ralado) |
| Buriti | Tema (buriti) Tema I'raü (buriti pequeno) |
| Onça | Ai' (Onça) Ai'ne (Pau mulato de onça) |
| Saúva | Naiyüü (saúva) Naiyüü I'raü (saúva pequena) |
| Boi | Wocacüa' (Boi) Waiyeü'cü (boi cercado) |

²¹ Os autores que trabalharam, são João Pacheco de Oliveira, Roberto Cardoso de Oliveira, Roberto Cardoso de Oliveira Filho e entre outros, ou seja, os Tikunas casam, maioria das vezes entre membro de outro grupo clânicos, pois existe dois grupos familiares que é clãs de “sem pena” e “com pena”.

| | |
|--|--|
| | |
|--|--|

Metade Aves (Com penas)

| Clãs | Subclãs |
|-------------|---|
| Arara | Ngo'ü daucü (Arara vermelho) Ngo'ü Yaucü (arara azul) |
| Mutum | Ngu'nü (Mutum) Wa'iyu (Piuri) |
| Manguari | Cowa (Manguari) Cowa Tchuneecü (Manguari pescador) |
| Japó | Barü (Japó) Tutchiäücü (Ninho longo, pendurada) |
| Japim | Caure (Japim) Caure Wiayaecü (Japim cantando) |
| Periquito | E'ne (periquito) E'ne Tchope'atüna (periquito com asas brancas) |
| Tucano | Ta'u (Tucano) Â'pawe'ecü (Tucano com bico grande) |
| Gavião Real | Îyü (Gavião) Dawü (Gavião real) |
| Galinha | Ota (Galinha) |

É notável que as designações em Tikuna se referem aos subclãs, guardando para os clãs nomes regionais (alguns neologismos), por exemplo, quando nasce uma criança, ela recebe automaticamente o clã do pai, mas dentro do clã será dado dois nomes, pela família do pai e mãe, ou seja, como por exemplo clã de Jenipapo, a criança vai receber dois nomes, com umas qualidades da fruta/arvore “Güatücü rü Waitchicü”, que quer dizer “Folhas do jenipapo caindo, renovação e jenipapo ralado”. Como já foi dito, as metades exogâmicas não são nomeadas, mas aqui neste quadro foram indicadas pelos termos "Plantas" e "Aves", fazendo alusão a um modo de classificar os clãs a partir de classes botânicas e zoológicas.

Dentro desse sistema, há um mecanismo de nominação por meio do qual é possível identificar o pertencimento social de cada indivíduo. O nome de um homem, *Dape'atücü Goecü*, por exemplo, que significa "Arara batendo asas voando" e que se refere a uma das qualidades da arara (que dá nome ao clã), mais especificamente da arara vermelha (que dá nome ao subclã), faz parte do repertório de nomes próprios que cada grupo clânico dispõe para seus membros. Assim, a simples enunciação de um nome, permite classificar seu possuidor como membro de um certo clã e subclã e de uma das metades. Este clã é automaticamente recebido pelo indivíduo, mas ou subclã é dado pelos avós materno e paterno, ou seja, a pessoa recebe dois nomes do clã, por exemplo, Tapü'cü, meu nome, é dado por parte da família do meu pai e Güatücü e dado pela família da mãe, os avós no caso (são as avós que dão nome).



Foto 11: Representação de Clãs “Sem pena” e “Com pena”. Aqui se encontra nação de Avaí, Boi, Mutum e Jenipapo (*pinturas no rosto*).

Fonte: Iury Felipe, 2018

Os epônimos clânicos transformados em signos fornecem uma espécie de código, um plano de referência importante para o comportamento social do povo. Desse modo, ao dizer o nome Dape’atücü Goecü, como no exemplo dado acima, afirma-se o pertencimento do indivíduo a um certo clã, o que lhe impede de casar-se não só com pessoas do seu próprio clã, mas também com aquelas de sua metade. Em contrapartida, aqueles indivíduos que são classificados como membros da metade oposta passam a ser cônjuges potenciais, daí a exogamia de metades característica dos Tikuna.

Me perguntavam ou foi perguntado em salas, várias vezes, porque que é sempre linhagem do homem, patrilinear/patriarcal? Porque não há linhagem da mulher? Respondendo a essa pergunta, cheguei a seguinte conclusão: não é por acaso que a linhagem sempre é patrilinear pois, segundo a historiadora Tchiã’tchina, é porque os heróis Yo’i e Ipi nasceram no joelho do Ngu’tapa e não da mulher, que é a Ma’pana. E também aconteceu, segundo ela, que fazemos parte da carne

do pai Ipi, ou seja, viemos de linhagem patrilinear, e por essa razão a linhagem sempre vai ser do homem, ela disse.

No entanto, devido ao intenso contato com a sociedade nacional envolvente, se criou um sistema de assimilação de indivíduos não pertencentes à etnia que passam a fazer parte de sua organização social a partir do casamento com os Tikuna, através da criação de novos clãs com a utilização de animais não tradicionais da cultura, como o *wocaciia*’ (nação de Boi). Mas que estes clãs criados para fazer parte da organização social dos Tikuna, quebraram a regra dos outros clãs porque significa que as pessoas podem se casar com quem quiser, pois esse clã é considerado “livre” para casar, por causa de que, é filho de “branco”. Na verdade, este clã não “existiria”, e o certo seria a criança receber o clã do avô, no caso de um homem branco se casar com uma Tikuna. Digo isso porque vivo e vivi na comunidade que seria o certo, mas isso depende da família, de como aceitar essas situações. No caso de um casal da comunidade Mecürane, ele é filho de um branco com uma Tikuna e deram o clã para poder fazer parte da organização social Tikuna, ou seja, ele recebeu o clã do avô e casou com uma Tikuna de clã compatível, respeitando a regra.

O contato também trouxe inúmeras modificações nas relações sociais, ocasionando situações de incesto. No momento da ação intervencionista de organismos não indigenistas na área, se observa no trabalho de Roberto Cardoso de Oliveira (1996 [1964]) o caso de um casal que se apaixonou, mas que por sua incompatibilidade de clãs não poderiam se casar; com a intervenção dos capitães da aldeia, os chamados chefes dos índios para os “brancos”²², esse caso avançou e quebraram-se as regras de parentesco da sociedade Tikuna. Acordado pelo capitão, que também era Tikuna, o casamento desses dois jovens foi possível, em razão de não serem parentes, demonstrando dessa forma, uma lógica de organização social não mais de acordo com as regras Tikuna e sim com as ocidentais. Dessa forma, com o apoio do capitão, o casal contraiu matrimônio, mas por ordem da aldeia foi expulso, não podendo mais viver com os outros membros do povo por terem quebrado a regra mais importante para eles, praticaram no caso, o incesto²³.

Sobre proibição do incesto:

o problema da proibição do Incesto apresenta-se à reflexão com toda a ambiguidade que, num plano diferente, explica sem dúvida o caráter

²² Utilizamos esse termo baseado no trabalho de Roberto Cardoso de Oliveira que considera os “brancos” os representantes da sociedade nacional brasileira.

²³ Isso porque, de acordo com Roberto Cardoso de Oliveira, e para os Tikuna, os membros de uma mesma metade ou clã são considerados parentes consanguíneos.

sagrado da proibição enquanto tal. Esta regra, social por sua natureza de regra, é ao mesmo tempo pré-social por dois motivos, a saber, primeiramente pela universalidade, e em seguida pelo tipo de relações a que impõe sua norma. (LÉVI-STRAUSS 1976:50.)

Se há algo escandaloso e sujeito a severas sanções entre o meu povo Tikuna é o casamento errado ou Womatchi, casar-se dentro da própria metade. O problema deste tipo de casamento, dizem o Magüta, é que mistura o mesmo “sangue”. A imagem evocada para esta mistura é a da “carne torcida, pensamento torcido” (Valenzuela, 2010: 92)

De acordo com Lévi-Strauss, a proibição do incesto está ao mesmo tempo no limiar da cultura, na cultura, e em certo sentido - conforme vai tentar mostrar - é a própria cultura. O incesto entre os Tikunas, como citado acima, não é com qualquer pessoa que se pode casar, ou seja, entre os clãs com “Metade Plantas” não se casa entre si, e o mesmo acontece com “Metade Aves”. Entender como é classificado o sistema de parentesco do Povo Tikuna é complicado, pois quando se tem uma prima que é filha da tia, poderia se casar, mas que pela norma do primo e prima (dos Tikuna) que rege, não pode, pois é proibido se envolver com a prima, mas que pela regra clânico poderia, isso na verdade é porque a prima ainda é de primeiro grau. Mas quando é de segundo grau, pode se casar com primo/prima, pois já está um pouco distante da regra, ou seja, isso acontece quando a prima é filha da tia de segundo grau, no caso do tio, pela regra clânicas não pode. Isso quer dizer, porque o tio é da mesma família clânicas.

A filiação é patrilinear. O casamento antigamente era com os primos cruzados bilaterais que sempre seriam da metade oposta. Os missionários trouxeram essa história de primeiro e segundo grau bloqueando o casamento preferencial com os primos cruzados, fazendo com que fosse necessário fazer um cálculo entre os cruzados classificatórios, tipo casamento com a filha da prima do pai. O que temos aqui, portanto, é uma noção metafórica de parentesco expressa na posição Tchauene nane (BS). A diferença entre os parentes nane e os afins tchauta’a (ZD) é notada por Ego principalmente com relação aos filhos de seus irmãos e irmãs. Os primeiros, BS e BD, são considerados “parentes” (tchauene nane), pois são do mesmo clã de Ego. Os filhos da irmã são classificados como tchauta’a, pois pertencerão ao clã do marido da irmã. Contudo, olhando para o diagrama com a terminologia Tikuna e sobrepondo-o ao diagrama que mostra os indivíduos pertencentes à metade de Ego e os que são da metade oposta (**foto 12**), notamos que a oposição Tchauene nane: tchauta’a: são parente (consanguíneo): afim deve ser matizada. Percebe-se, por exemplo, que a posição tchauta’a sobrepõe-se aos parentes da mesma metade nas posições: FZDS, FZDD, MBDD e MBDS. Ou seja, estes parentes, apesar de receberem um termo que designa um alguém casável, pertencem a mesma metade de Ego, não são desposáveis. Todos os demais

A Organização Social em Vila Betânia – Mecürane e suas Características

Neste capítulo mostrarei um pouco sobre a organização social da comunidade indígena Vila Betânia – Mecürane e suas características. Embora muitas coisas que acontecem dentro da comunidade, estão associadas com costumes de sociedades não indígenas, isso não significa que se deixaram as tradições, as identidades e a língua. Muitas vezes, quando os Tikuna vão para cidade falam sem medo na língua; falam com “patrões” sem se intimidar, até mesmo quando alguns estudantes saem para estudar em outras cidades. Eles mantem sempre sua língua, ainda mais quando têm parentes próximos. Por isso que 99% das pessoas são falantes fluentes da língua Tikuna. Usam português como segunda língua, do lado brasileiro, e os moradores da Colômbia e Peru são falantes fluentes da língua Tikuna e usam língua espanhola como segunda língua.

A comunidade Mecürane, mais conhecida como Vila Betânia, foi o nome dado para comunidade, pelos missionários, mas antes o povo batizou a comunidade como Mecürane, pois este nome é de um dos primeiros moradores e primeiro cacique da comunidade. Significa Nação de mutum, ou seja, umas das características do pássaro “pena de mutum lindo” que se refere a pena da parte traseira. Onde a comunidade se localiza, é um lugar maravilhoso, rico em fauna e flora, igarapés e lagos maravilhosos. Estes lagos são ricos em peixes, pois o povo os preserva para seu auto sustentabilidade. Todas estas são características do lugar em que nasci em 1993. O lugar é conhecido como lugar dos Tikunas. “Betânia é rico de peixe”, dizem os homens brancos que, por sua vez, a invadem por sua riqueza. Não somente por causa de peixes e sim por causa de madeiras e caças de animais também.

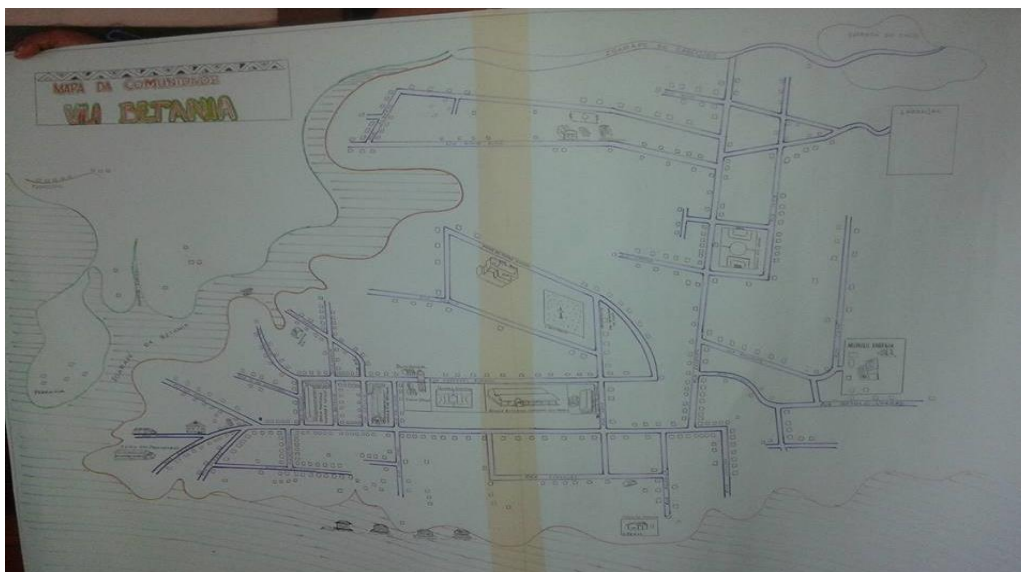


Foto 13: Mapa da comunidade Indígena Vila Betânia – Mecürane

Fonte: Escola Municipal Ngewane, trabalho de um aluno da comunidade. 2014.

Na comunidade vivem membros do povo Magütagü e alguns não indígenas, que casaram por lá, e permanecem até os dias atuais. Todos são falantes da língua Tikuna, inclusive os que casaram na comunidade, e acabam aprendendo a língua Tikuna, embora às vezes não conseguem falar, mas entendem a língua Tikuna. Uma das culturas mais preservadas na aldeia é a língua Tikuna (não só na minha, pois há aproximadamente 100 comunidades, no alto, médio Solimões e rio Içá), pois desde crianças é ensinada em casa e nas escolas (Escola Municipal Ngewane, Escola Municipal Metacü e Escola Estadual Indígena Dom Pedro I) desde a primeira série até o Ensino Médio. Na escola existe uma disciplina “Língua Tikuna” que é obrigatória, nas escolas, ensinados para preservar a língua nativa e identidade Tikuna.



Foto 14: Comunidade Vila Betânia – Mecürane (chegando na aldeia), porto principal a esquerda, foto tirada em 13 de setembro de 2016.

Fonte: Felipe, I. C. 2017

Na comunidade Mecürane, hoje há pessoas dos clãs de aves (com penas): Arara, Mutum, Manguari, Japó e Japiim, e dos clãs de plantas (sem penas) são: Avaí, Jenipapo, Buriti, Onça e Saúva. Estes últimos não estão organizados na comunidade como antigamente, pois deveriam morar próximos. Na comunidade vivem espalhados em cada bairro como Centro, Tela Quente, Copa Cabana, Monte Sinai, Igarapé I e II e Suécia.

Inicialmente, não existiam bairros, mas, com o tempo, decidiram colocar nome em cada rua da comunidade. A comunidade foi crescendo, se tornando cada vez maior. Recentemente, no ano de 2017, o cacique da comunidade fechou o campo de gado para liberar mais um bairro, chamado hoje de Goiabal. O motivo do nome é porque no campo tinha ou tem muitas goiabas. O bairro fica próximo ao campo de futebol (Campo chamado de Rio Negro).



Foto 15: Imagem da comunidade Mecürane, e o campo de futebol rio negro.

Fonte: Imagens aéreas do Missionário (Sem nome), tirada em 13 de janeiro de 2015.

Os membros da comunidade fazem diversas atividades como pesca, caça, agricultura, artesanato, pecuária, madeira, saúde, esporte, lazer e comércio. A comunidade Mecürane, tem ainda três Escolas Municipais e uma Escola Estadual e um Creche Municipal, três Igrejas Evangélicas, dois Postos de Saúde, um Posto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Esta comunidade possui energia elétrica, abastecida pela Companhia Manaus Energia, fonte de água encanada fornecida pela Companhia e Saneamento de Águas do Amazonas (COSAMA) – o esgoto não existe, está a céu aberto, a coleta de lixo também não existe. Os movimentos sociais da comunidade são a Reunião geral da comunidade, os membros da igreja, associação dos pais e mestres, associação dos pescadores e associação dos agricultores.

De acordo com autor Felipe, F. C. (2018: 16): “Na comunidade não existe hospital, farmácia e loja, mas existe bares, posto de saúde, prédios das igrejas, área de lazer: Uns campos de futebol e uma quadra esportiva e, o Lago Caruara e os Igarapés. As datas comemorativas na comunidade são: 15 de Março – Reunião da Igreja, 19 de Abril – Dia do Índio, 15 de Junho Reunião dos Membros, 05 de Setembro – Independência do Amazonas, 07 de Setembro – Independência do Brasil, 15 de Setembro – Aniversário da Igreja Batista Regular de Betânia, 12 de Outubro – Dia das Crianças, 15

de Outubro – Dia dos Professores, 02 de Novembro – Dia dos Finados, 15 de Dezembro – Aniversário da Comunidade e reunião da Igreja e dia 25 de Dezembro – Nascimento do Nosso Pai Celestial Jesus Cristo (Natal).” Aqui digo que as coisas funcionam desse jeito, afirmo isso, pois sou morador da aldeia e o autor que citei aqui é o meu irmão mais novo, quem formou recente e fez seu trabalho na comunidade com uma temática mais voltada para educação.

Todo ano se organiza um campeonato de Futebol e Futsal realizado pela Liga Indígena Esportiva de Betânia (LIEB). Há aproximadamente 15 times, todos nomeados por times da comunidade, nacionais e internacionais como: Flamengo, Cruzeiro, Vasco, Santos, Botafogo, Corinthians, Betânia, Palmeiras, Alázio, Venezuela, Suécia, Monte Sinai, Bangu, Juventus e Brasil. São formados pelos jogadores da comunidade ou até por visitantes de outras comunidades Tikuna. Em ocasiões, times de outra comunidade participam do campeonato como: Lago Grande, Patia e Limoeiros. Tem liga dos campeões e campeonato da comunidade “às vezes patrocinado pela prefeitura do Município”. Alguns desses times já participaram do campeonato do município de Santo Antônio do Içá. Sem ser excludentes, os responsáveis da Liga Indígena Esportiva de Betânia, também realizam campeonatos para as mulheres. Uma das coisas atualmente mais praticadas é o esporte, em especial futsal, voleibol e futebol de campo.



Foto 16: Mulheres jogando vôlei, no fim tarde do dia. Praticando esporte.

Fonte: Felipe, I. C. 2017

Mas quando chegam a “comemoração do dia dos índios” as escolas realizam várias atividades com a comunidade, como por exemplo, corrida, canoagem, cabo de guerra, natação e mergulhador. Na corrida, participam homens e mulheres, mas com a disputa entre eles, na

canoagem geralmente, são duas pessoas em cada canoa (Canoa de madeira, três metros e que pesa aproximadamente 50kg), a disputa começa do outro lado do rio e vai até o principal porto da comunidade, percorrendo aproximadamente mil metros de largura; o mesmo acontece no cabo de guerra. Na natação, os nadadores disputam 500 metros (homens no caso) e as mulheres 250 metros. E por fim, no caso do mergulhador, os homens disputam entre si, geralmente são 10 participantes que mergulham todos juntos, e quem conseguir boiar por último ganha a brincadeira e uma premiação. No entanto, estes esportes não acontecem somente quando tem comemoração de algo, são coisas do dia-a-dia, pois as crianças praticam nadando desde os seus 5 anos de idade; elas fazem como diversão. Me lembro que fazia muito canoagem, disputava nadando para chegar no porto da comunidade atravessando ressaca. Era uma liberdade inimaginável a que tínhamos. Até hoje, na verdade, as crianças têm essa liberdade de brincar e ir tomar banho no rio sem os pais os obrigarem com as tarefas das escolas.

Como se vê na imagem embaixo, na abertura de um campeonato de futsal, quase todas as pessoas da comunidade participam. Cada time escolhe uma “rainha” para representar o time, e fazem um desfile entre elas para saber quem vai ser a rainha do campeonato. Cada rainha, vai se produzir conforme sua nação, fazendo pintura no corpo e no rosto, conforme o seu pertencimento de clã. Elas usam cocar, adereços tradicionais do povo. No entanto, concorrem entre si, com seus melhores adereços tradicionais e pinturas. E a rainha é escolhida pelos jurados e o povo.



Foto 17: Apresentação de rainhas Tikuna de cada clube esporte, cacique e vereador da comunidade, a foto foi tirada em fevereiro de 2017.

Fonte: Iury da Costa Felipe – Tapü’cü

Como se pode perceber, cada menina tem pintura no rosto, que mostra que pertence a certa família. É possível identificar aqui os clãs de Mutum, Jenipapo, Boi, Avaí, Saúva, Buriti e Manguari. As apresentações sempre acontecem quando tem eventos realizados na comunidade e é uma forma de manter a identidade tradicional Tikuna. Apesar de que na comunidade não se praticam mais rituais, como o de a moça nova. Esta é umas das tradições mais perdidas e não praticadas em muitas das comunidades Tikuna por causa domínio das igrejas e também por estarem muitos envolvidos com a sociedade não indígena. Estas festas vêm se perdendo por causa desses motivos, porém se mantém outras tradições como a dança dos To'ügü (*dança dos mascarados*), sempre feita no fim do ano para se despedir do “ano velho”, como dizem os Tikunas, e começar o ano novo com muitas prosperidades.



Foto 18: Apresentação das danças dos mascarados, se despedindo do ano velho.

Fonte: Felipe, I. C. 2017

As regras dos clãs, muitas vezes são desrespeitadas pelos jovens na comunidade. Ao fazer a observação participante e fazer entrevistas informais com os jovens, fiz as seguintes perguntas: Você respeita as regras estabelecidas pelo Yo'i sobre as proibições dos clãs? Na sua casa se ensina a respeitar os Na'cüã, clãs? Por que quebram regras?

Ao perguntar isso aos jovens, inicialmente ficavam com vergonha de falar. Umas das coisas que eles não queriam falar era por medo de eu contar para os pais deles. Eu disse que era para o meu trabalho e que escreveria sem citar nomes. Fiz entrevistas com 10 jovens, cinco mulheres e cinco homens, aproximadamente entre 15 a 20 anos de idade. Dentre os 10 destes jovens já

quebraram regras clônicas, ficando com pessoas que eles não poderiam, como por exemplo, alguém do clã de Mutum ficando com alguém de clã de Arara (nações de pássaros). Perguntei por que eles fazem isso: “Ah... é porque ele não é meu primo, é de família distante, sei que pela regra não poderia”. O mesmo acontece com pessoas do clã de Saúva e Jenipapo, pois eles sabem que não poderiam ficar. Às vezes, algumas das jovens engravidam, e quando falam que é de fulano, automaticamente, os pais não fazem nada, ou seja, não obrigam a forçar o casamento. Os jovens veem que o erro não é somente deles, mas também dos pais porque não os ensinaram desde crianças. E quando os jovens se apaixonam, e querem se casar, os pais não deixam por incompatibilidade entre clãs. Eles entendem que são da mesma família, e por causa desse motivo de proibirem, às vezes se suicidam.

Ao entrevistar o O’i Buucü, perguntei a ele se sua mãe falava sobre as nações. De acordo com ele, desde criança os pais deles falavam que ficar com uma pessoa do mesmo clã é muito perigoso. Se tiveram filho, pode ser que a criança nasça com alguma deficiência ou outras consequências virão. Na época dele já se cometia incesto, pois desde sempre se desrespeitavam as regras, mas fingiam que não se conheciam ou mentiam para poder namorar a pessoa.

Hoje em dia, muitas vezes, estas situações acontecem porque os jovens estão tão envolvidos com sociedade envolvente que não querem mais seguir os costumes tradicionais, deixando de lado sua identidade. Como a Tchiã’tchina disse, depois de terminar as entrevistas com ela diz: “Filho, você precisa escrever a nossa história. Minha pouca memória é que resta sobre o nosso povo. Você precisa trazer depois o seu trabalho para ser trabalhado nas escolas e ensinados os nossos costumes e tradições”. Isso mexeu tão profundo comigo, pois é tão importante registrar as memórias do meu povo. E com certeza levarei o trabalho para a minha comunidade, apresentarei e depois deixarei nas escolas.

Sobre as proibições dos clãs acontecem situações muito ruins, como se desprende do acontecimento da morte da mãe do meu avô:

Buucü: Quando um pajé chegou aqui entre a gente, esse cara que matou a minha mãe, e sua tia, mulher do seu avô Tertulino, mãe do Guido, era minha irmã, e a única. E esse pajé as matou. **Tapü’cü:** E esse pajé é Tikuna também, avô? **Buucü:** É, Tikuna sim, não é por acaso que ele falava muito. Ele não quer saber quem é quem, não respeitava as regras, queria ficar com qualquer pessoa. É por causa disso que minha mãe brigou com ele, sem a gente saber. No dia, eu não estava em casa. Minha mãe disse a ele: “você não sabe que ela é sua irmã porque fica dando em cima dela”. Ela é sua irmã da mesma família que sua nação”. E por causa disso, ele ficou sentido e fez feitiço na minha

mãe e na minha irmã e as duas adoeceram e morreram juntas. Elas ficaram com..., parecia que era picada de caba, mas na verdade era feitiço dele. Ficaram com febre, febre, febre e febre e no mesmo dia morreram juntas. Na época chegou um parceiro nosso que veio do Içá: se chama Moreira. Alais, minha irmã, morreu depois de dois dias. E Moreira disse: “o que esse homem fez com sua mãe e sua irmã? É esse mesmo homem que morava com vocês que fez isso” disse. Moreira era pajé também. E o Moreira disse que ia se ver com ele, não cobrou a gente: “vou tentar um feitiço; vou ver se funciona”. Eles iam se matar entre eles. Não foi o que o Moreira estava certo e funcionou? O cara que matou minha mãe e irmã levou facada no rosto, brigou com o próprio irmão e morreu.

Como podemos notar, aqui na fala do meu avô, sua mãe morreu por um pajé, este que fez um feitiço, que apareceu um sinal de picada de caba no corpo. Minha bisavó chamou atenção do pajé, para ele não ficar mexendo a com sua irmã (mesma família, pelo clã). E por esse impedimento, ele os fez a sofrer e faleceram. Segundo Oliveira Filho, e também estou de acordo “[o crime de incesto clânico ou de metade], por sua especial gravidade, é o único em que Taé (deusa da punição) pode punir o culpado ainda em vida, dando-lhe a alma de um animal e conduzindo-o à loucura” (1988: 143). Este estado de “loucura”, no limite, conduz a pessoa ao suicídio. Quando um jovem tem seu desejo de casar com outro (mesma família clânicas) frustrado isso pode acarretar em suicídio.

“É preciso ressaltar que o diagnóstico xamânico de feitiçaria para o caso do suicídio é bastante complexo, no que se refere à proibição do incesto clânico (Womatchi). Isso porque se relacionar com um membro da mesma metade pode acarretar diversos males para as famílias e a comunidade inteira.” (Matarezio Filho, 2015)

Então, isso era o medo da minha bisavó, por isso impediu o pajé a se envolver com a filha dela. Pois temia que a filha cometesse suicídio por causa do incesto. E por isso como disse acima, muitos das jovens que cometem vão a “loucura” e no fim, tiram a própria vida.

Aqui trago uma fala do Cacique, liderança da comunidade Indígena Vila Betânia – Mecürane e falar um pouco sobre seu papel na comunidade, com a aldeia e com seu povo. E esta entrevista realizado no trabalho de campo no dia 10 de fevereiro de 2017, as 10 horas e 20 minutos, na humilde residência do Te’patücü, que quer dizer “Unha afiada”, respectivamente clã de onça. Vou traduzir a fala dele e o recado, que diz:

“Sou cacique da comunidade, e sou liderança do meu povo, cuido do meu povo. Meu povo tem 4000 mil habitantes, que moram aqui na aldeia. Então, o meu trabalho aqui, sempre, é por causa da nossa terra e sempre estou preocupado, sempre, de vez em quando visito e cuido da nossa terra, mas mesmo assim, há invasões de homens brancos, entram na nossa área, sem nós perceber. E isso me preocupa muito, com o meu povo que estão crescendo, crianças, e a terra é nossa. E então, estou muito preocupado com gerações futuras, que ainda vão nascer. Pois essa área é um pouco grande, a terra que estamos. Então, estou preocupado com a nossa terra, nossas madeiras e nossos peixes. Há invasões dos ladrões nos nossos lagos preservados, matando e pegando filhotes de Aruanã (um peixe). E isso que nos preocupa muito aqui na aldeia. Gostaria que não acontecesse isso, e nos respeitem. Como que ficaria melhor? Para não ter invasões? De madeireiros e pescadores não indígenas, sempre mexendo mais na nossa área. Aqui próximo a Santo Antônio, e aqui acima no Iça também, um branco tirou uma parte da nossa terra uns 20 metros e fica cismado com a gente, mas na verdade essa área é nossa, desde sempre existimos aqui. E ali nesta área eles tiram madeiras para vender e tudo. Isso me preocupa muito, juntamente com o meu povo trabalhamos sempre. Mas o único problema que, não tem como cuidar de toda área, ir ali visitar as áreas, sem condições de arcar com as despesas. Então, essa é minha fala.

A e outra também, quando tem problema, quando vem um branco para trabalhar, eu como cacique que resolvo as coisas juntamente com o meu povo. Para ser professor e ser da área da saúde eu e a comunidade que resolvemos se aceitarmos pessoas de fora para trabalhar conosco, caso não trabalhar direito, pedimos que saia da nossa comunidade. Vemos o comportamento com o nosso povo. Quando alguns estudantes da aldeia erram (bagunçando, bebendo etc...) procuro conversar com a pessoa e orientamos para estudar e procurar o melhor caminho para si e para comunidade, então, essa é minha outra fala é assim que trabalho aqui na comunidade. O que sempre quero para os jovens, estudantes e que gostaria que os jovens estudassem, mas que aqui, muitos não tem condições, e por causa disso não conseguem estudar fora. Muitos também, tem dificuldade, pois, não sabem

falar direito em português, são mais fluentes na língua Tikuna. Então, é isso a minha fala” (Cacique Te’patücü, 2017)



Foto 19: Cacique da comunidade Mecürane e Tapü’cü

Fonte: Felipe, I. C. 2017

Como podemos ver, na fala do cacique, o papel dele é cuidar do seu povo, representar a comunidade em reuniões políticas, providenciar documentos para os moradores da aldeia, da terra demarcada, dos lagos preservados e cuidar da comunidade, para o seu bem-estar do povo. Mas que como ele diz, a área, sempre é invadida pelos não indígenas, tirando da sua terra madeiras para vender, roubando os peixes nos nossos lagos, e não para o seu auto sustento e sim para vender e assim acabar com os peixes. O pedido do cacique para os jovens, é que eles estudassem para melhoria da comunidade, mas que segundo ele, não é possível, pois o povo não tem condições de si manter na cidade para estudar. E muitos tem dificuldade, pois a sua primeira língua é Tikuna e não português.

O Ritual da Moça Nova

Uma das explicações sobre a quebra das regras pode estar relacionada com a perda dos rituais. Mas antes de falar e escrever sobre o “Ritual da Moça Nova” eu fui atrás da No’ê Tchiã’tchina para que contasse um pouco sobre as histórias destes rituais. O ritual da moça nova, acontecia

antigamente quando a menina menstruava pela primeira vez. Aqui a No'ê Tchiã'tchina vai contar um pouco sobre isso. O meu objetivo não é se aprofundar muito, mas sim mostrar um pouco sobre o ritual e por que acontecia, e dizer também porque em algumas comunidades Tikuna não fazem mais esta festa. A dança dos mascarados acontecia também na Festa da Moça Nova. Aqui descreverei como era a vida dos Tikuna no ritual do Worecü, Moça Nova, e escrevo para registrar as histórias.

Tapü'cü: Como iniciou tudo, vovó? Por que fazem o Ritual? Senhora passou pelo ritual? **No'ê Tchiã'tchina:** Contarei um pouco sobre o ritual, por quais motivos acontecem, filho. Não me lembro de muitas coisas, pois hoje sou membro da igreja e acredito em deus. **Tapü'cü:** Tudo bem vovó. Conte o que senhora lembrar. **No'ê Tchiã'tchina:** *Iburi* era o trompete dos Tikunas. O *iburi* é um dos instrumentos tocados na festa da moça nova dos Magütagü. Durante o ritual, o instrumento é tocado junto com o *to'cü* (Flautas pequenas, que aparenta, jacaré, quando tocado) no local do instrumento. As mulheres e crianças são proibidos de ver o *to'cü* e o *iburi*. A origem desta proibição é contada na história da primeira moça nova, To'oena. To'oena era sobrinha do Yo'i, filha da irmã dele Aicüna e do Taine (Quatipuruzinho, esquilo). Durante a sua festa, To'oena desobedeceu às ordens de permanecer reclusa. Ela fez isso para não se aproximar do *to'cü*. To'oena era curiosa, queria ver quem soprava aqueles sons e queria ver como eram suas pinturas, mesmo sabendo que era proibido. Ela fugiu para a mata e subiu numa ingazeira na beira do caminho, por onde seu tio Yo'i e os Nge'cutügü (O'egü – Tios) passariam com o *To'cü*. Quando o grupo se aproximou, ela se espantou com a imagem do *to'cü*, vendo-o como um jacaré preto grande. Na mesma hora, se urinou de susto. Mas os Nge'cutügü encontraram a To'oena. Pegaram ela, bateram nela até a morte. Depois da sua morte, levaram o corpo para o igarapé Eware. Chegando lá, os Nge'cutügü cortaram-a em pedaços e fizeram um assado com sua carne. Assim que as carnes foram assadas, os Nge'cutügü distribuíram para todos os participantes da festa. Colocaram o espírito da To'oena no *to'cü* e então o espírito cantou assim: “É minha carne mamãe! É minha carne que a senhora está provando e não é carne de veado, mãe. É a minha carne mamãe”. Mas a mãe entendeu o que tinha acontecido e queria chorar. Por causa do choro, então, Yo'i puniu a irmã, pois não cuidou, preparou e ensinou a sua filha. No entanto, Yo'i colocou carvão nos olhos da

irmã, mãe de To'oena, para que ela não pudesse derramar nenhuma lágrima. O sangue da To'oena se espalhou nas águas dos igarapés de Eware e até hoje podem ser vistas as manchas vermelhas, no local onde lavaram o corpo da To'oena.

Antes de introduzirmos a história da To'oena, gostaria de demonstrar como esta moça nova é também uma variação da “filha do umari”. Vimos no capítulo anterior que Ipi descobre que Yoi escondeu a “filha do umari” em sua flauta, Ipi teve relações sexuais com ela e assim segue a história. Contudo, quando pedi para Tchiã'tchina – para me contar a história de To'oena, o que ouvi foi uma fusão do mito da “filha do umari” com a história da To'oena que veremos mais adiante. Foi importante conhecer a história, pois ela demonstra que a “filha do umari”, que foi guardada dentro de uma flauta é uma transformação da primeira moça nova. Ou seja, a flauta é também uma espécie de reclusão, como a de To'oena, de onde a Techì arü Ngu'i acü, “filha do umari” sai inadvertidamente.

Tchiã'tchina começou a cantar a música da moça nova interpretado por ela, e aqui coloco em tradução. Algumas palavras não tem como traduzir, pois não existem na língua portuguesa.

Música da To'oena: “Primeiro, é por minha culpa, pois eu era desobediente: é proibido ver a flauta êmbolo *tchuiiãêcü*. Ela gritou moça nova, aquela cor amarelada no meio do descampado e gritei aqui flauta êmbolo *tchuiiãêcü*, flauta êmbolo do vovô Yo'i. Moça nova lá, na terra do igarapé Preto, tiraram minhas tripas, moça nova. Mamãe, tome cuidado. Você pensa que minha carne é carne de veado, mãe, aquela carne. É minha carne está na casa da porta do Yo'i, dentro de um cesto. Moça Nova. Cadê o seu caldo de pajuaru que brilha como reflexo da lua, Moça Nova. Eu saí da minha casa à toa, chegando e cantando e agora estou aqui sofrendo de frio. Moça Nova.

É possível encontrar conexões entre a Techì arü Ngu'i e as moças reclusas apenas por suas características. O trecho da análise da história de Techì arü Ngu'i, a “filha do umari”, deixa bem claro a equivalência feita na história Magütägü entre a madureza da fruta umari e o amadurecimento da moça nova. “Como a futura esposa do mais velho dos gêmeos vovó Yo'i, Techì, fruta da árvore Umari, estava “madura” assim que caiu do galho da árvore, a mesma ideia aplica-se à reclusa ao sair de sua reclusão. A história diz que “Techì arü Ngu'i caiu para nascer”, e assim, segue o nascimento de um ser pleno, de uma pessoa que entra na fase adulta. “Quando ele (a fruta) estava maduro, ele caiu e pulou porque estava na puberdade.

Durante as Festas da Moça Nova, os trompetes são benzidos pelos pajés, que colocam espírito neles, o fazem, chamando o espírito, como por exemplo quando o pajé chama o espírito das árvores para curar uma pessoa, assim o pajé recebe e espírito se encarna e se torna uma outra pessoa, que é espírito. Nesse momento, os trompetes se tornam gente e, por essa razão, não podem ser vistos por mulheres e crianças. Os trompetes são construídos e, segundo a Tchiã'tchina, os que não forem benzidos não tem problema de serem vistos por qualquer pessoa. Em outras palavras, To'oena, neta do Yo'i, foi morta porque ela não podia ver os instrumentos porque era um ritual sagrado que não podia ser visto nem por mulheres e crianças. Inclusive a Moça Nova.

De acordo com narrativa da Tchiã'tchina, a Festa da Moça Nova é seguida, justamente, para lembrar da primeira Moça Nova. O ritual, conta ela, é uma forma de cuidar e preparar a adolescente, lhe ensinando os conhecimentos necessários para se tornarem mães e esposas no futuro. Com isso, a jovem que passa no ritual, aprende a fazer atura, peneira, tipiti, tecer rede de tucum. As mulheres que passaram pelo ritual, por exemplo avó, tia e mãe, ensinam a Moça Nova. E só elas podem estar por perto dela dentro da casa e cercado onde fica reclusa. Nenhum homem ou irmão podem se aproximar porque ela poderia passar má sorte para eles. Me lembro que quando era mais jovem, quando minha avó ainda estava viva, ela escondia minhas primas de nós até passar o período da menstruação, e elas, na verdade, não contavam por qual motivo que era (caso contar, o motivo, não vai adiantar, está reclusa) pois assim, terá falta de sucesso nos seus objetivos. Quando passa a menstruação das meninas, até certo dia não podíamos brincar com elas. Curioso com isso, perguntei da No'ê Tchiã'tchina, o por quê. Ela disse: “Meu neto, apesar de que aqui na nossa comunidade, não praticamos o ritual, isso não quer dizer que os homens estão livres do azar, caso se aproximem de mulher ou menina menstruada. Caso isso aconteça, o homem terá azar em tudo, como em caçar e pescar”. Depois de Tchiã'tchina ter dito isso, me lembrei de um dia quando minha avó falou: “fique longe da sua prima filho, você será igual a seu pai, caçador. Vi isso em você desde que nasceu, e por essa razão fique longe dela”. Na época não entendia muito porque ela me falava isso. Depois que a No'ê Tchiã'tchina falou, entendi a razão porque que ela falava isso para mim e para os meus primos.

Como descreve o livro de leitura “*Popera i Ugütaeruü Magütagawa*” no texto produzido pelo indígena Tikuna Nino Fernandes (recente falecido), ex diretor do Museu Magüta em Benjamin Constant, ele se refere ao ritual da Moça Nova como ritual da “Pelação”. Fernandes ali afirma:

Pelação é uma festa da nossa tradição, por isso não podemos esquecer nossa tradição. Essa tradição que vai nos defender.

Por isso, nós temos que relembrar nesse livro a nossa cultura. A gente vê tudo nessa festa, tem algumas aldeias que não praticam mais a nossa tradição, não é bom esquecer. Os costumes que a pessoa vê são verdadeiros dos Tikuna. Todos os indígenas têm sua cultura, sua tradição, porque nós vamos deixar nosso costume? Não é bom a gente esquecer a nossa cultura. Por causa dela, os civilizados reconhecem que somos verdadeiros Ticuna. Todos os indígenas têm sua própria cultura (OGPTB, 1988: texto 58).

Para Leach (1996), mito e ritual são uma linguagem de signos em função da qual se expressam as pretensões a direitos e a status, mas é uma linguagem de argumentação e não um coro de harmonia. O mito é uma linguagem verbal que serve de referência para o rito/eficácia simbólica. O rito é um elemento de ordem prática, pois ele marca certos momentos, ordena e é extraordinário, fora do dia a dia. Segundo Tchiã'tchina o ritual não se faz mais. Muitos o deixaram porque era coisa de “demônio”, e lembra que antes cantava muito as músicas sobre esse ritual e de outros, e disse que não canta mais pois lembra pouco porque agora é membro da igreja. Afirma:

Tchiã'tchina: Na minha época, quando era criança, não passei no ritual, mas a minha mãe sim, passou pelo ritual, ela me contava. E perdi minha mãe quando era muito jovem ainda “filho”. Nasci no O'ti paraná²⁹, morávamos lá. Carreguei a minha primeira filha quando tinha 13 anos de idade, a Regina, e meu filho com 17 anos de idade. E com 18 anos de idade carreguei mais um filho, mas faleceu na época. Cheguei na comunidade Mecürane com 18 ano de idade. Aqui vou cantar música do/a *Worecü* “Ritual da Moça Nova” meu neto: Criança, Moça Nova. Vai sofrer em você moça nova, *worecü*, mas aquele único seu, vai sofrer em você moça nova, *worecü*. Seus parentes, vão lhe mostrar, Moça Nova, *worecü*. Mas quando você estiver com consciência, você terá que estar no meio dançando Moça Nova, *worecü*. Mas um lindo jabuti você irá e ficar levantando ele, Moça Nova, *worecü*. Onde você

²⁹ O'ti paraná, é o local onde a narradora Tchiã'tchina nasceu. Fica próximo ao município de São de Olivença – AM.

estava no amarelado descampado, você estará lá cantando, Moça Nova, *worecũ*. Mas aquele, vovó, todo em sol estará com luz, Moça Nova, *worecũ*. Você irá olhar na janela por ele. Aquele ali neto de onça, jovem, você não ira, você deve segurar ele, dançando, Moça Nova, *worecũ*. Ali o vovô Yo'i, Samaumeira com espinhas em volta, traseiro amarelo, e sua família irão atrás de você, Moça Nova, *worecũ*. É assim que é a música da Moça Nova, meu neto. Não me recordo muito como antigamente. E está música é longa.

Tchiã'tchina conta que o pai dela batia muito nela, conta que é porque a maioria dos filhos eram mulheres, só tinham um irmão. O irmão que salvava elas, pois o pai era um homem, muito raivoso, bruto; por quaisquer coisas, batia nelas e descontava nas filhas. Até que um dia, seu irmão lhe pediu para que elas fossem embora, pois o pai exagerava, amolava o terçado, ia atrás e batia muito nelas. Depois desses acontecimentos, elas foram embora para uma comunidade chamada Itália, e lá se casou. Depois de casada, o marido a levou para outra aldeia chamada Paraná. Mais tarde, eles foram subindo para Mecürane por causa de palavra de Deus. Conta ela. E chegaram na comunidade Vila Betânia – Mecürane, na época a No'ê tinha dezoito anos de idade.

Tchiã'tchina: Antigos costumes, mas agora, com Cristo, e que estou seguindo, esqueci um pouco de como eu vivia, que cantava sobre a Moça Nova, e cantava de várias formas, mas agora que estou seguindo Deus. Não penso mais, mas sei de versículos. (2017)

Como podemos notar, na fala da Tchiã'tchina, a igreja, a religião tirou um dom especial dela, que antigamente sabia cantar várias músicas da Moça Nova. Ao meu ver, a cabeça e o pensamento foram colonizados, tirando a sua tradição, sua cultura e sua vida Tikuna. Dizendo que os conhecimentos tradicionais são coisas erradas do “demônio”. Mas hoje estamos num “novo mundo”, onde não como antes éramos, proibidos de realizar e fazer nossos rituais e praticar nossas tradições, mas muitos não querem, isso porque também não foram repassados e transmitido os conhecimentos, e não sabem o que perdem como isso. É muito valido para sua vida e identidade na sociedade não-indígena. Comaroff e Comaroff (1991) chama esse fenômeno de “colonização de consciência” e que depois conduz a “consciências da colonização”, ou seja, por isso que os

conhecimentos e tradições nossas não foram repassados, pois os pensamentos dos nossos avós e pais foram colonizados.

Segundo a narradora Tchiã'tchina, na verdade Yo'i deixou no mundo regras para serem seguidas e respeitadas para que o povo nunca esqueça. E por essa razão é que também estou aqui escrevendo como Tikuna, para registrar e quem sabe fazer uma revitalização da cultura do povo Magütagü com este trabalho. A caracterização do local da festa da Moça Nova se dá numa casa feita em especial num local único, afastado e isolado. É uma casa específica (Yü'üpata, Casa de Festa), somente para isso. Concluída a construção da casa, são erguidas as tabuas laterais para acomodar as pessoas da comunidade e os convidados que queiram armar rede para descansar durante a madrugada ou mesmo sentar um pouco. Assim o local da Festa da Moça Nova é construído. Desde tempos remotos, esse processo obedece ao mesmo modo de construção.

A Festa da Moça Nova, Worecü, segundo No'ê, da menina que se torna mulher, é muito importante para nós, pois consideramos a fase da puberdade muito perigosa, já que neste período as jovens podem ser influenciadas por maus espíritos. Por isso, a festa para que ela tenha sua liberdade, para não ser influenciada por maus espíritos. O ritual tem por objetivo iniciar as meninas-moças na vida adulta e, como verificamos, é composto por eventos expressivos, como:

- Clausura – construção do local (*turi*) onde a menina ficará isolada;
- Convite – aos Tikunas de outros clãs;
- Pintura Corporal – da Moça Nova e dos convidados no rosto;
- Ornamentos – carregados de profundo significado;
- Mascarados – representando seres mitológicos;
- Músicas e instrumentos musicais – selecionados especificamente;
- Pelação – momento em que os cabelos da moça nova são arrancados; *Be'eru* na língua Tikuna.
- Purificação – representada pelo banho.

A partir da primeira menstruação, a menina é conduzida para um local reservado (*turi*), construído para este fim, com esteiras ou cortinados, sem aberturas a Este ou a Oeste, de acordo com o seu clã. Permanecerá enclausurada por um longo período, podendo se comunicar somente com a mãe e a tia paterna. Neste período, receberá as orientações necessárias de caráter místico e prático para que possa conduzir com eficiência sua vida dali para frente. O objetivo desse procedimento é estabelecer uma nova família, aprender ser uma boa esposa, aprende a fazer cestas,

redes de tucum, e assim por diante, enquanto os parentes se encarregam de convidar os Tikunas de diversos clãs para o evento. Conta a No'ê Tchiã'tchina.

No'ê Tchiã'tchina e eu, digo e faço minhas palavras. Que toda festa, atividade realizado por uma família, eles que se encarregam das alimentações, ou seja, para iniciar a festa, o pai e a família da moça, se encarregam, uma semana antes do evento, a estocar grande quantidade de caça e pesca, as quais serão '*moqueadas*' para resistir até o dia da festa, ocasião em que será consumida grande quantidade de comida e '*pajuaru*', pajuaru é um bebida tradicional, feita de macaxeira e fermentada. Este no caso, oferecido para os convidados e familiares.

Segundo a No'ê, a cerimônia começa oficialmente com uma cuia de *pajuaru* na casa do pai da moça. Os parentes e convidados pintam o corpo com jenipapo. A tia da moça traz feixes de fibras de palmeiras (babaçu, buriti e tucum) que simbolizam a fertilidade, e serão utilizadas nas danças do povo. Durante o corte do tronco de envira, de onde se tira o material para tecer o cocar, os convidados parentes entoam melancólicas cantigas, e o '*curaca*' ou pajé realiza rituais de pajelança para atrair os seres da floresta e alimentá-los.

Os mascarados surgem quando a moça sai da reclusão para a primeira pintura corporal pela manhã. As máscaras são confeccionadas de acordo com a realidade de cada comunidade e imitam entidades (imitando O'ma, mãe dos ventos) animais, como to'ügü, mascarados (mascarados imitando macacos. Representam os espíritos da floresta que, num tempo mítico, massacravam os Tikunas. Essas máscaras lembram à jovem que o perigo existe.

- Mawü – mãe da montanha e dos morros;
- O'ma – mãe dos ventos e da tempestade;
- Tôü – os macacos;
- Wüwürü – dono do Mato;

Segundo a No'ê, as senhoras de seu clã iniciam a pintura com um sabugo de milho que molham na tintura e passam pelo corpo da moça, de cima para baixo, em duas grandes linhas curvas, abertas, para fora, na frente e atrás. O rosto é pintado em linhas que cobrem a face e a testa. Depois de seca a primeira pintura, derramam tinta de jenipapo no corpo da moça espalhando-a com as mãos, escurecendo totalmente o tronco. O objetivo da pintura é criar uma nova pele que, ao ser removida naturalmente, carrega com ela todas as mazelas passadas, simbolizando o renascimento de uma nova fase. Por volta do meio-dia, as mulheres mais velhas, incluindo a mãe e a avó, vão até o

turi colocar os adornos na Moça Nova e pintá-la. Cada um dos ornamentos tem uma preparação bastante elaborada e um significado muito especial:

Coroa de penas vermelhas de arara – as penas de arara vermelha representam o sol e têm poderes sobrenaturais já que, normalmente, é usada pelo curaca. A coroa é confeccionada com a fibra do *‘tururi’* e possui duas pontas das asas da arara. É colocada na testa da Moça Nova, de maneira a cobrir-lhe os olhos para que não possa ver.

Tanga Vermelha – feita pela avó ou pela mãe; deve ser pintada com folhas de *‘carauiru’*, semente de *‘urucum’* ou com a fruta da *‘pacovan’*. O vermelho representa a vida, o sangue; sobre essa tanga, a menina usa uma pequena tanga de miçangas coloridas.

No’ê disse, que depois da colocação de todos os adornos, é a hora da terceira pintura. Os braços são enfeitados com penas coladas ao corpo. A substância colante, nas cores vermelha e azul, é feita de urucum e resina de madeira. Agora a Moça Nova pode, finalmente, sair do seu *turi*. E sua chegada à sala de festa ocorre de forma especial, dançando com pessoas da família, conduzida por alguém especialmente escolhido para essa tarefa. É um momento muito esperado por todos. Juntam-se a eles muitos dos convidados e continuam dançando. Ao chegar à parte externa da casa, o condutor inclina a cabeça da moça nova para trás, fazendo com que o rosto dela receba a luz do sol, a mesma que ela tinha ficado sem ver durante a reclusão. Os convidados continuam dançando em volta da casa, de braços dados, em grupos de 4 a 6 pessoas, deslocando-se para frente e para trás.

Segundo a No’ê Tchiãthina *Be’eru* (Pelação) significa renovação, mudança, pois a menina já se tornou moça. Ela deve retirar todo o cabelo para renovar-se e redimir-se das faltas cometidas, e para ser incentivada a assumir uma postura de pessoa adulta. O processo de retirada dos cabelos é manual, sendo arrancados em pequenas mechas (arrancadas com as mãos). A Moça Nova é sentada sobre um tapete de palhas no centro da sala, enquanto, ao seu lado, todos os participantes da festa dançam, tocam instrumentos e bebem *pajuaru*. A Moça Nova também bebe o *pajuaru* antes da pelação. Assim que os adornos são retirados os mais velhos começam a retirar o cabelo da Moça Nova. Vão retirando as mechas e entregando ao tio ou ao avô dela. Durante a pelação, explicam-lhe as razões do ritual, invocando a história do seu povo. Explicam que, para se tornar uma nova pessoa, para iniciar uma nova vida como adulta, é preciso que o corpo passe pelo sofrimento que ela está passando. O ritual não é só para garantir a limpeza do corpo para entrar na vida adulta, mas também uma homenagem às entidades sobrenaturais, e as conexões com esses criadores, os vovôs Yo’i e Ipi e as vovós Mowatcha e Aicüna.

De acordo com No'ê, o couro cabeludo pode ser preparado para que a moça não sinta tanta dor. Uma semana antes da festa, tira-se a casa da “*tucandeira*”, faz-se uma pasta com os filhotes e as formigas que é colocada na cabeça da Moça. Esta técnica vai diminuir a dor e facilitar a retirada dos cabelos. A última mecha de cabelo é tirada pela pessoa escolhida, podendo ser o tio ou o avô, ou uma pessoa idosa. Depois de concretizada a pelação, os adornos são recolocados, e o tio ou avô dão algumas voltas pelo interior da casa com a Moça Nova. A festa dura três dias e três noites e os participantes dançam e batem tambores e repetem o ritual da bebida diversas vezes. A bebida é servida na mesma cuia para todos.

No entanto, no final da festa, o *turi* é destruído e a Moça Nova é conduzida para um Igarapé ostentando toda a decoração corporal. A ornamentação é retirada e ela mergulha dando duas voltas em torno de uma flecha fincada no Igarapé. O ritual tem o objetivo de preservá-la dos perigos da vida. Depois do banho, o cerimonial é considerado concluído. Ela vai para casa se alimentar e descansar. Quando acordar, ela irá colocar um lenço branco na cabeça que só deve ser retirado quando o cabelo crescer. Então, era assim que realizavam os rituais antigamente. Com a colonização das igrejas essas tradições foram perdidas, em especial na minha comunidade Mecürane. Mas com a história registrada aqui, poderei pelo menos tentar fazer uma revitalização da cultura. Isso depende muito da comunidade. E pelo menos os leitores saberão como eram as tradições dos Tikunas antes da chegada dos colonizadores.

Considerações Finais

Diante de tudo que foi mencionado e narrado, foi tentando fazer descrição sobre a história do meu povo Indígena Tikuna. Sobre o valor da cultura, do sistema de parentesco, Worecü - Ritual da Moça Nova e do Xamanismo do povo Magütägü. Os Tikuna passaram por um momento terríveis de dominação na época de “patrões” (seringalista) que somente ser indígena Magüta para expressar o sentimento de tristeza. A luta do meu povo Tikuna, encarada, não foram fáceis e durou bastante, foi árduo, para termos a nossa terra Demarcada, reconhecida e homologada. Para assim, podermos demandar por uma educação de qualidade e saúde, para isso, precisávamos antes de tudo, correr, lutar para termos a nossa terra demarcada, ou seja, isso significava que também o desejo de continuar as nossas tradições, práticas culturais, revitalização da cultura e manutenção do Magütägü, a nossa língua verdadeira. As considerações finais que seguem a diante é descrevendo o povo Tikuna da aldeia Mecürane atualmente.

Na entrevista com cacique Augusto Paulo, como citado acima, ele teve questionamentos que precisam ser avaliados pela comunidade e o povo Tikuna. O cacique Te’patücü, reclama da falta de comprometimento dos jovens e o povo em geral, porque nossas áreas não estão sendo mais vigiadas e está acontecendo à invasão de caçadores, madeireiros, pescadores e até o tráfico de drogas por dentro de nossa área (teve um que morreu na nossa área em 2011 e recentemente morreram três em 2017). Apesar de que o cacique vai e visita as áreas, mas não suficientes, pois não tem condições de arcar com as despesas todos os dias.

Vejo que o questionamento do Cacique Augusto, deve ser analisado com seriedade pelo povo, pois levamos anos de luta, para termos a nossa terra demarcada, homologada e reconhecida, assim, nós povo Tikuna, não podemos agora nos acomodar e permitir a entrada dos invasores das nossas áreas, muitas vezes a invasões acontece no nosso lago preservado, o vigia do lago (lago da natureza) quando sai, para ir para cidade. Os não indígenas invadem para fazer arrastão de peixes, até mesmo, eles fazem próximo a nossa comunidade. Pude presenciar várias vezes, em 2017, quando estava na aldeia, via que eles faziam arrastão com malhadeira (redes de peixe), fazem isso, não para o seu auto sustento e sim para vender na cidade próxima. Então, isso preocupa muito nosso cacique e a população.

A minha comunidade, tem como principal fonte de renda, este, farinha, banana da terra e entre outros e peixes. Nas nossas terras tem grandes plantações de roças de macaxeira para fazer farinha, plantações de banana da terra e que abastece o comercio local até mesmo esfera municipal e estadual. Mas que muitas das pessoas criam galinhas, patos e porcos. A minha comunidade tem lagos enormes preservados, nesse lago que, em cada quatro ano o povo libera e pescam, e dali

conseguem lucrar muito com os peixes e tiram o seu auto sustento, e o povo pesca durante três dias. Depois é fechado, e para liberar leva uns 4 anos. Mas durante a preservação, pescar peixe menores é liberado sem usar redes, redes este que afugentam os peixes. Somente pode pescar com caniço/anzol e flechas, agora os peixes mais preservados são Pirarucu e Tambaqui, e são proibidos e matar na época da preservação durante quatro ano, de vez em quando a comunidade libera, quando se tem festa da igreja (aniversário) pedem para alguns pescadores matarem uns 10 pirarucu e uns 20 tambaqui, pirarucu pesa uns 80 kg, os maiores no caso e tambaqui chega uns 10 kg os maiores ou até mais.

Como estudante indígena, vejo como é enorme o desafio de estudar tendo que lidar com muitas temáticas muito tocantes para nós. Por outro lado, também vejo que tal especificidade pode nos ajudar a problematiza-las ou reelabora-las. Talvez por essas vias os estudantes indígenas poderemos contribuir na antropologia e na universidade por meio da discussão e convivência intercultural.

Nos dias atuais não conseguimos mais, como povos indígenas, viver isolados. Temos que buscar outros modos de continuar as tradições e falar delas. Além do mais, temos que interagir constantemente com os problemas, as belezas e as pessoas do mundo não-indígena. Devido isso é preciso que estejamos também na universidade. Isso ainda se soma ao caráter desafiador e encantador de estudar e discutir pelos meios científicos. A antropologia aqui tem um espaço especial. Assim, os povos indígenas poderão cooperar com um mundo mais plural e no encontro de ciências.

Venho aqui finalizar um pouco da descrição de nossa história dizendo que os Tikuna da comunidade Vila Betânia - Mecürane jamais morreram, continuamos vivos, culturalmente fortes, e vivendo do nosso jeito, apesar dos pesares, não praticando nosso ritual de moça nova, mas continuamos a preservar a nossa cultura, nossas línguas. Então continuamos assim, vivendo como o povo Magütagü, fazendo e bebendo nosso caiçuma, tomando pajuaru, tomando pororoca, caçando, pescando, ouvindo nossos velhos, anciões e estudando nossa história.

Portanto, venho e faço uma sugestão importante, como indígena Tikuna, para o ensino na escola, na educação indígena, que a Escola Municipal Ngewane, Escola Municipal Metacü e Escola Estadual Indígena Dom Pedro I, implante os conhecimentos tradicionais no ensino bilíngue na manutenção e na valorização da língua materna (Língua Tikuna). Este conhecimentos e tradições, devem ser ensinada na escola, e tem que entrar na disciplina língua Tikuna, para que os jovens os valorizem e respeitem as regras sobre o sistema de parentesco e as nossas tradições. Assim, os conhecimentos tradicionais serão preservados para futuras gerações. Mas para isso, “para melhoria no ensino e aprendizagem, os professores junto à comunidade e escola, devem produzir matérias

didáticos em sua própria língua, que atende a necessidade do estudante, como também dos professores indígenas Tikuna”. (Felipe, F. C. 2018, p 62)

Referências

ABA - Associação Brasileira de Antropologia. 2009. "Nota sobre a ameaça iminente de fechamento do Museu Maguta" (<http://www.abant.org.br/?code=2.31>). Acesso em 15/03/2014).

ACUÑA, Cristóbal de. **Novo descobrimento do rande rio das Amazonas**/tradução de Helena Ferreira. Rio de Janeiro: Agir, 1994 [1641].

ALMEIDA, Fábio Vaz Ribeiro. “Agências de Contato e Desenvolvimento Sustentável entre os Ticuna”; “Etnodesenvolvimento e Formação de Gestores Ticuna” In: **AMAZÔNIA EM CADERNOS**, Manaus: EDUA, n. 05, jan.-dez., 2000.

ATLAS DAS TERRAS TICUNAS. Projeto Museu Nacional, FINEP/PPG-7 – CGTT, 1998.

AMOROSO, Marta Rosa. **Nimuendaju às com a história**. São Paulo: CEBRAP, 2000 In: www.google.com.br.

COMAROFF, Jean e John COMAROFF. *Of Revelation and Revolution. Christianity, Colonialism and Consciousness in South Africa*. Chicago: The University of Chicago Press. 1991.

CONSTANT, J. C. A Terra é de Vocês e a Saúde Também! Compreendendo a Efetivação do Direito ao Território e à Saúde Entre os Puyanawa. Brasília 2016

EDSON TOSTA MATAREZIO FILHO, A Festa da Moça Nova Ritual de iniciação feminina dos índios Ticuna. São Paulo, junho de 2015. Tese de Doutorado

ERTHAL, Regina Maria de Carvalho. O Suicídio Ticuna na região do Alto Solimões – AM. (Doutorado) Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública; 1998. 279 p.

FELIPE, Fred da Costa. Educação Escolar Indígena: A importância do ensino bilíngue no processo de ensino e aprendizagem do 5º ano do ensino fundamental da etnia Ticuna da comunidade Vila Betânia-Mecürane. 2018. Monografia de Graduação. Universidade do Estado do Amazonas - UEA. Centro de Estudos Superiores de Tefé - CEST. Tefé.

GOULARD, Jean-Pierre & BARRY, Laurent S.

1998 – “Un mode de composition de l'alliance : le “mariage oblique” ticuna”, *Journal de la Société des Américanistes*, Volume 84, Numéro 1, p. 219 – 236

GARCES, Claudia Leonor López. “Ticunas brasileiros, colombianos y peruanos: Etnicidade y nacionalidade em la región de fronteras del alto |Amazonas/Solimões, Brasília, julho de 2000.

LÉVI-STRAUSS-LÉVI, Claude. “O Etnocentrismo” In: **Raça e História**. Lisboa: Editorial Presença, 1973.

Lévi-Strauss, C. 1976 (1967). AS estruturas elementares do parentesco. Petrópolis/São Paulo: Vozes/EDUSP. Caps.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zélia Maria Neves. “Antropologia”, “Cultura” e “Família e Sistema de Parentesco” in: **Antropologia: uma introdução**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2001, pp. 33-37; 111; 115.

PORRO, Antônio. “História do Alto e Médio Amazonas”, “Sociedade e Poder na Várzea Amazônica” e “Os Omáguas do Século XVII” In: **O Povo das Águas – ensaios de Etno-história amazônica**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

PACHECO DE OLIVEIRA, João; SOUZA LIMA, Antonio Carlos de. 1988. "Os Ticuna no Alto Solimões e a luta pela terra: o massacre de São Leopoldo e o seu contexto". In: João Pacheco de Oliveira (org.), TERRA MAGUTA. Rio de Janeiro/ São Paulo: PETI/MAGUTA/CEDI. pp. 3-19.

O LIVRO DAS ARVORES, Organização Geral dos Professores Bilingues Benjamin Consatnt, Amazonas, 1998.

NIMUENDAJU, Curt. **The Tukuna**. University of Califórnia: Berkley, 1952.

_____. Mapa Étno-Histórico de Curt Nimuendaju. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em colaboração com a Fundação Nacional Pró-memória. Rio de Janeiro: IBGE, 1987.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. **O Nosso Governo: os Ticuna e o regime tutelar**. São Paulo: Marco Zero; Brasília: MCT/CNPq, 1988.

OLIVEIRA, Márcia Maria de. **Migração na Cidade de Manaus: algumas análises preliminares**. SARES, 2004.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. “A situação dos Ticuna e a proteção oficial (1961)” In: **A Sociologia do Brasil Indígena**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/ São Paulo: USP, 1972.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O índio e o mundo dos brancos. 4ª. Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

ORO Ari Pedro. Tükúna: vida ou morte. Universidade de Caxias do Sul/RS. Escola Superior de Teologia de São Lourenço de Brindes, Rio Grande do Sul: Vozes, 1977, p.

SOUZA, Cassio Noronha Inglez de Souza e ALMEIDA, Fabio Vaz Ribeiro de (2012), Gestão territorial em terras indígenas no Brasil, Rio de Janeiro: LACED (<http://laced.etc.br/site/acervo/livros/gestao-territorial>).

MACEDO, Guilherme Martins de. “A Conversão Cristã e a Identidade Ticuna: a trajetória de Campo Alegre” In: AMAZÔNIA EM CADERNOS, Nº 05, jan./dez. 1999, Manaus: EDUA, 2000.